

XCLUSIVE

FEED & FOOD

INFORMAÇÃO QUE ALIMENTA O FUTURO



Ano 19
nº 231
Jul/2026

**ESPECIAL
SUSTENTABILIDADE**
COMO A SUSTENTABILIDADE
TEM IMPULSIONADO O
SISTEMA DE PRODUÇÃO DE
PROTEÍNA ANIMAL

ENTREVISTA
LUIS RUA, SECRETÁRIO
DE COMÉRCIO E RELAÇÕES
INTERNACIONAIS DO
MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA



BRASIL 2036: A PRÓXIMA DÉCADA DA PROTEÍNA ANIMAL

ENTENDA A GEOPOLÍTICA DOS ALIMENTOS E COMO O BRASIL CHEGOU AO CENTRO
DA NOVA ORDEM MUNDIAL DA PROTEÍNA ANIMAL



Inspirados pela natureza

REVOLUCIONAMOS O FUTURO DA PRODUÇÃO ANIMAL

- Activo – óleos essenciais microencapsulados; Mastersorb – neutralizadores de micotoxinas; Bgmoss – leveduras e derivados; Globigen – imunoglobulinas IgY; Prote-N – ureia protegida de liberação lenta e Hidreo – óleos essenciais para aquicultura;
- Produtos presentes em mais de 90 países;
- Soluções para a nutrição de todas as espécies animais.



activo mastersorb bgmos Globigen PROTE-N HIDREO



Empresa certificada
GMP+ no Brasil

FUNDADOR

Oswaldo Ciasulli (MTB. 32.517)
osvaldo@dc7comunica.com.br

CEO

Diogo Ciasulli
diogo@dc7comunica.com.br

DIRETORA

Jaqueline Ridolfi
jaqueline@dc7comunica.com.br

GERENTE DE COMUNICAÇÃO

Giovana de Paula
(MTb 39.817)
giovana@dc7comunica.com.br

REPÓRTER

Kevin Nascimento
kevin@dc7comunica.com.br

EDITOR DE ARTE

Daniel Guedes
(MTb 33.657)
daniel@dc7comunica.com.br

GERENTE ADMINISTRATIVO
E RELACIONAMENTO COM CLIENTE

Bianca Fagundes
bianca@dc7comunica.com.br

MARKETING

Raiane Modesto
raiane@dc7comunica.com.br

EXECUTIVO DE NEGÓCIOS

Brenno Fressatto
brenno@dc7comunica.com.br

ADM/TRAFEGO

Carolina Baggini
carolina@dc7comunica.com.br

COLABORADORES DA EDIÇÃO

ABCC, ABIEC, Abiquifi, ACNB, Asbram,
Ariovaldo Zani, Fabio Pereira, José Luiz Tejon,
Leonel Almeida, Mayra Theis, MBPS,
Peixes BR, SBZ

Portal de notícias:

www.feedfood.com.br
Revista on-line gratuita:
www.revistafeedfood.com.br

A Revista Feed&Food é uma publicação brasileira, editada em português, com editorial dirigido a toda agroindústria de proteína animal, incluindo associações do segmento, universidades, sindicatos e o MAPA, na defesa da segurança alimentar e sustentabilidade. Os artigos assinados e informes publicitários não expressam necessariamente a opinião dos editores. Não é permitida a reprodução parcial ou total de reportagens e artigos publicados sem a autorização por escrito dos editores.

Registro: ISSN 1809-3027 Periodicidade: Mensal



SUSTENTABILIDADE QUE SAI DO DISCURSO

O SIAVS é um dos principais pontos de encontro da proteína animal brasileira. É onde empresas, entidades, produtores, especialistas e lideranças se reúnem para discutir os desafios do setor, apresentar soluções e construir os próximos passos de uma cadeia cada vez mais estratégica para o Brasil e para o mundo.

Por isso, esta edição de julho da Feed&Food tem um significado especial. Além de circular durante o evento, ela registra iniciativas que demonstram, na prática, como a sustentabilidade vem sendo incorporada às decisões, aos processos e às estratégias das empresas do nosso setor.

Nas próximas páginas, apresentamos os cases reconhecidos pelo Troféu Curuca durante o 6º Simpósio Feed&Food de Sustentabilidade. Mais do que premiar empresas, o objetivo dessa iniciativa é dar visibilidade a projetos capazes de inspirar, provocar novas discussões e mostrar que sustentabilidade não pode permanecer restrita aos discursos institucionais.

Os cases apresentados revelam um setor que está se movimentando. São ações que envolvem eficiência produtiva, responsabilidade ambiental, impacto social, inovação e gestão, dimensões que precisam caminhar juntas para que a proteína animal continue crescendo de forma competitiva e responsável.

Criamos o Simpósio Feed&Food de Sustentabilidade e o Troféu Curuca justamente para abrir espaço para essas experiências. Para aproximar ideias, reconhecer quem está fazendo e ampliar o alcance de iniciativas que podem contribuir para toda a cadeia.

Ao longo do SIAVS, teremos a oportunidade de reencontrar parceiros, clientes, leitores e profissionais que ajudam a construir diariamente a força do nosso setor. A Feed&Food estará presente, como sempre, acompanhando as principais discussões, ouvindo lideranças e transformando informação em conteúdo relevante para o mercado.

Que esta edição também cumpra esse papel: registrar o que já está sendo realizado e estimular aquilo que ainda precisa ser feito.

Boa leitura e um excelente
SIAVS a todos.

Diogo Ciasulli
CEO



SUMÁRIO



18

CAPA

BRASIL 2036:
A PRÓXIMA DÉCADA DA
PROTEÍNA ANIMAL.
ENTENDA A GEOPOLÍTICA DOS
ALIMENTOS E COMO O BRASIL
CHEGOU AO CENTRO
DA NOVA ORDEM MUNDIAL
DA PROTEÍNA ANIMAL

PWC

06 Infraestrutura digital na cadeia de valor como garantia de oportunidades a novos mercados

ARIOVALDO ZANI

08 Importar importa, sim senhor!

ABIQUIFI

14 Brasil apresentou ao mundo seu potencial em Saúde Única durantea BIO 2026, em San Diego, nos EUA

ABRA

16 Muito além da proteína

ESPECIAL SUSTENTABILIDADE

26 Como a sustentabilidade tem impulsionado o sistema de produção de proteína animal

32 ADISSEIO

SustainWay leva dados ambientais à tomada de decisão na produção animal

34 HUVEPHARMA

Principal meta ambiental da Huverpharma é atingir a neutralidade de carbono nos Escopos 1 e 2 até 2030

36 VIDARA

Vidara aposta em gestão hídrica para fortalecer sustentabilidade na operação

38 Adelaide Britto une tecnologia e impacto social na pecuária maranhense

MESA BRASILEIRA DA PECUÁRIA SUSTENTÁVEL

40 Reinserção de produtores fortalece a sustentabilidade e a competitividade da pecuária brasileira

SUÍNOS

48 Topigs Norsvin lança programa de capacitação para líderes da suinocultura

10

ENTREVISTA

LUIS RUA, SECRETÁRIO E COMÉRCIO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA: DESEMPENHO DO BRASIL NA ABERTURA DE NOVOS MERCADOS REFORÇA A FORÇA DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

42

AVES

IMPACTOS DIRETOS DA INFLUENZA AVIÁRIA NA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS AVÍCOLAS IMPÕE NOVOS PADRÕES DE SEGURANÇA



ABIEC

54 Rússia e México reforçam espaço para a carne bovina brasileira no mercado internacional

ACNB

56 Nelore Podcast é o mais novo canal de informação da pecuária brasileira

COBERTURA

58 Feicorte projeta os rumos da pecuária de corte e reforça o papel estratégico do Brasil no abastecimento global de proteína animal

FEED

60 Brasil proíbe aditivos antimicrobianos como melhoradores de desempenho e acelera transição da produção animal

INVESTIMENTO

64 Investimento em tempos voláteis: como a cadeia da proteína animal busca recursos para crescer em meio a juros altos, endividamento e incertezas eleitorais

ASBRAM

68 Produtividade sustenta cenário favorável para a pecuária até 2028

SBZ

70 A importância dos aditivos alimentares na bovinocultura de corte brasileira

ABCC

72 Zero Antibióticos como Requisito Essencial para o Mercado do Camarão Cultivado

TEJON

74 Marketing é criar, administrar e liderar mercados



Mayra Theis e Fabio Pereira

INFRAESTRUTURA DIGITAL NA CADEIA DE VALOR COMO GARANTIA DE OPORTUNIDADES A NOVOS MERCADOS

O comércio global de alimentos e insumos agropecuários depende de um conjunto restrito de rotas marítimas estratégicas — os chamados “estreitos” — que concentram parcela decisiva do fluxo de mercadorias, energia e matérias-primas essenciais. Passagens como o Estreito de Ormuz e o Canal de Suez configuram verdadeiros nós críticos do comércio global. Quando tensões geopolíticas emergem nessas regiões, os impactos são imediatos, elevando custos logísticos, volatilidade de preços e riscos de abastecimento.

A guerra entre Rússia e Ucrânia e os recentes conflitos no Oriente Médio evidenciam diferentes formas de disrupção dessas cadeias. O bloqueio temporário de rotas no Mar Negro reduziu a oferta global de grãos, pressionando os preços de milho e trigo — insumos críticos para a nutrição animal. Paralelamente, tensões no Golfo Pérsico impactam o fluxo de energia e fertilizantes, elevando custos produtivos. Para uma cadeia intensiva em insumos como a de proteína animal, esses choques se traduzem diretamente em aumento do custo da ração, que representa parcela relevante do custo operacional.

No Brasil, um dos principais exportadores globais de produtos agrícolas e alimentos, essa dinâmica revela fragilidades estruturais. A elevada dependência de fertilizantes importados torna o sistema produtivo altamente sensível a choques externos. Como consequência, oscilações geopolíticas impactam desde a produção de grãos até a competitividade das cadeias de aves, suínos e bovinos.

Esse contexto é particularmente sensível considerando o peso das exportações de proteína animal. O Brasil figura entre os maiores exportadores globais de carnes bovina, de frango e suína, tendo União Europeia e China como mercados estratégicos em valor e volume. A estabilidade dessas exportações depende não apenas de competitividade de custo, mas de crescente alinhamento a exigências sanitárias, ambientais e regulatórias.

É nesse ponto que a recente decisão da União Europeia, que excluiu o Brasil da lista de países autorizados a exportar proteína animal a partir de setembro de 2026, ganha relevância estratégica. A medida está associada à comprova-

ção do cumprimento das normas de uso de antimicrobianos ao longo de toda a vida do animal.

Mais do que uma barreira sanitária, trata-se de uma mudança estrutural na forma como mercados premium regulam acesso. A exigência deixa de ser apenas sobre o produto final e passa a abranger todo o sistema produtivo, com base em rastreabilidade, transparência e governança de dados.

Nesse cenário, emerge uma oportunidade estratégica clara: o uso de tecnologias digitais para rastreabilidade da cadeia pecuária. Soluções baseadas em blockchain, IoT (Internet das Coisas), identificação individual de animais e plataformas integradas de dados permitem monitorar, em tempo real, práticas produtivas, uso de insumos, histórico sanitário e conformidade regulatória. Mais do que atender exigências, essas tecnologias viabilizam a criação de uma “prova digital” da qualidade e da sustentabilidade da produção.

A integração entre dados de nutrição (rações, aditivos), sanidade (uso de medicamentos veterinários) e manejo cria um novo padrão de transparência, alinhado às exigências de mercados como a União Europeia. Além disso, fortalece a gestão de risco, melhora a eficiência produtiva e abre espaço para diferenciação comercial, com potencial de captura de prêmio em mercados de alto valor.

A convergência entre geopolítica, logística e regulação redefine, portanto, as atuais bases de competitividade do agronegócio. A segurança das rotas comerciais segue sendo crítica, mas a “segurança regulatória” passa a ter igual relevância. O desafio para o Brasil não é apenas mitigar sua dependência externa de insumos, mas também acelerar a digitalização e a governança das cadeias de valor do agronegócio.

Transformar vulnerabilidades em vantagem competitiva exigirá uma abordagem integrada: diversificação de fornecedores, fortalecimento da produção doméstica de insumos, e, sobretudo, investimento consistente em infraestrutura digital e rastreabilidade. Nesse novo contexto, quem controla dados e comprova processos controla acesso a mercados.

A geopolítica dos estreitos expõe riscos. A tecnologia, por sua vez, oferece o caminho para a resiliência e a liderança. ■



Mayra Theis

Sócia da PwC Brasil e líder de Agribusiness

Fabio Pereira

Diretor da PwC Brasil e Agtech Innovation



Somos Cooperativa. Somos Produtores. Somos Globais.

Há mais de 130 anos ao lado de quem produz, conectando expertise global a soluções responsáveis em Nutrição e Aditivos.

De produtores para produtores.



Novos mercados? Nós sabemos como chegar lá.

**Dê o próximo passo.
Entre em contato agora.**



www.agrifirm.com.br



Ariovaldo Zani

é médico veterinário, CEO do Sindirações; Presidente da Câmara de Sustentabilidade/ABPA; Presidente do Conselho Consultivo de Insumos Agropecuários e Indústria Extrativa/SENAI SP; Membro da Comissão Estadual do Agronegócio do Conselho Regional de Medicina Veterinária/CRMV SP

IMPORTAR IMPORTA, SIM SENHOR!

A recente “*Agenda Brasil Mais Competitivo*”, lançada pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços/MDIC, reforça a mensagem que a competitividade do setor produtivo brasileiro não depende apenas de eficiência dentro da porteira ou da fábrica, mas também da qualidade das regras, da previsibilidade administrativa, do acesso aos insumos estratégicos, da fluidez logística e da capacidade do Estado de regular com segurança, sem impor custos desnecessários.

Essa agenda do MDIC reúne 24 projetos prioritários voltados ao fortalecimento da competitividade da economia brasileira com potencial de gerar economia superior a R\$ 340 bilhões por ano, através de medidas de fortalecimento do ambiente de negócios, transformação digital, inovação e sobretudo, melhoria regulatória e inserção internacional.

A indústria de alimentação animal, por sua essencialidade deve fazer parte dessa agenda de redução do Custo Brasil, pois as rações, premixes, núcleos, concentrados, suplementos e aditivos são os insumos indispensáveis para produção e regularidade de abastecimento das proteínas animais exportáveis, além da garantia da segurança alimentar, da produtividade e do desempenho zootécnico dos respectivos animais que dependem do acesso às vitaminas, minerais, aminoácidos, enzimas, ácidos graxos, pré e probióticos e tantas outras preparações técnicas importadas.

Importante ressaltar quão legítimas e indispensáveis são a atuação da Receita Federal/RF no controle aduaneiro, tributário e de combate aos potenciais ilícitos, quanto do Ministério da Agricultura e Pecuária/MAPA nos requisitos regulatórios, sanitários e de segurança dos produtos destinados à alimentação animal, muito embora, às vezes lentos, imprevisíveis ou redundantes. Daí, a necessidade de substituição desse cenário de retenção e incerteza por uma lógica de gestão de risco, análise paralela, documentação eletrônica, rastreabilidade, fiscalização posterior e, sobretudo, prazos compatíveis com a dinâmica do co-

mércio internacional contemporâneo.

A classificação tarifária (NCM 2309.90.90, por exemplo) utilizada para “*outras preparações do tipo utilizado na alimentação de animais*”, tornou-se ampla demais para a diversidade técnica do setor, já que abrange inúmeros produtos distintos quanto à composição, princípio ativo, concentração, função tecnológica, aplicação industrial e forma física. Essa generalização compromete sobremaneira a leitura estatística das importações, aumenta a insegurança classificatória, prejudica a formulação de política comercial e leva o setor a recorrer, repetidas vezes, a reduções temporárias do Imposto de Importação, quotas ou renovações sucessivas de destaques tarifários. Ademais, o desdobramento do Capítulo 23 (*Alimentos Preparados para Animais*) do *Sistema Harmonizado/SH da Organização Mundial das Aduanas/OMA* merece ser tratado como medida estrutural de competitividade, já que a abertura de códigos mais específicos permitiria distinguir melhor os produtos efetivamente importados, monitorar a existência ou não de oferta doméstica suficiente, contemplar apresentações industriais recorrentes, oferecer mais previsibilidade ao tratamento tarifário e reduzir a dependência de soluções temporárias.

A indústria de alimentação animal entende pertinente concentrar esforços onde há maior risco e liberar com celeridade as mercadorias tradicionalmente conhecidas, rastreáveis e documentadas, alinhando assim o comércio exterior brasileiro à realidade logística global. Importante reconhecer, aliás, que a “*Declaração Única de Importação*”/DUIMP (recente inovação tecnológica implementada) associada à modernização resultante do moderno paralelismo entre os controles administrativos e aduaneiros tem contribuído no encurtamento dos prazos de anuência.

Outrossim, a aprovação tácita, quando juridicamente aplicável, deveria integrar essa lógica, uma vez que, decorrido o prazo sem manifestação conclusiva, o deferimento automático

(em hipóteses de baixo risco) revela-se decisivo para reduzir os custos sistêmicos, sem prejuízo à responsabilização do importador, à fiscalização posterior e às exceções necessárias para matérias tributárias ou situações de maior risco sanitário, ambiental ou fiscal.

Diante da imprevisibilidade regulatória, ausências de prazos e incertezas na liberação das cargas, empresas importadoras contratam armazenagem preventiva para manutenção de estoques de segurança e conseqüentemente, tem seu capital de giro elevado, risco de sobreestadia ampliado e encarecimento da operação industrial. Em contrapartida, maior transparência, proporcionalidade entre tempo efetivo de permanência e custo cobrado, despacho antecipado, inclusive sobre águas, entrega controlada e fiscalização posterior são instrumentos que a indústria de alimentação animal reputa redutores necessários à descompressão sem comprometimento da segurança do processo.

A pauta da alimentação animal, portanto, constitui uma agenda de competitividade sistêmica com reflexo sobre toda a cadeia produtiva de proteína animal, sendo afetada por insegurança classificatória, normas temporárias, exigências heterogêneas, prazos imprevisíveis, dependência de importações e instabilidade tarifária.

Em resumo, quando o insumo atira, o impacto não fica restrito ao porto ou ao importador. Ele se espalha pelo custo dos aditivos e premixes, pela formulação das rações, pela produtividade dos plantéis, afeta o abastecimento doméstico e ameaça a competitividade internacional.

Vale a pena mencionar que a Receita Federal recentemente submeteu à consulta pública a proposta de Instrução Normativa que consolida e moderniza normas relativas ao despacho aduaneiro de importação de mercadoria, dentre elas, a declaração de importação, os documentos de instrução e registro da declaração de importação, o pagamento dos tributos, a conferência aduaneira, a liberação e a entrega da mercadoria ao importador, o cancelamento da declaração de importação e a devolução da mercadoria ao exterior.

Essas iniciativas oferecem o ambiente institucional adequado para avanço e incorporação da cadeia de alimentação animal como caso concreto de modernização regulatória, facilitação legítima do comércio, acesso aos insumos estratégicos e redução dos custos logísticos.

Tomara, um *Brasil mais competitivo*! ■

CONSAGRADO
NA EUROPA
E AGORA
DISPONÍVEL
NO BRASIL

Tulaject®

TULATROMICINA



ALIVIRA

Altamente eficaz contra doenças respiratórias dos suínos

- Dose única
- Efeito prolongado
- Acúmulo rápido e extensivo no tecido pulmonar
- Ação imunomoduladora e melhor resolução da inflamação

BAIXE AGORA A CALCULADORA ALIVIRA



alivira.com.br



/alivirabrasil

DESEMPENHO DO BRASIL NA ABERTURA DE NOVOS MERCADOS REFORÇA A FORÇA DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

LUIS RUA, SECRETÁRIO DE COMÉRCIO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, EXPLICA QUE O RESULTADO COLOCA O PAÍS EM UMA POSIÇÃO HISTÓRICA: A EXPECTATIVA É QUE O BRASIL SE TORNE, PELA PRIMEIRA VEZ, O MAIOR EXPORTADOR DE PRODUTOS DO AGRONEGÓCIO DO MUNDO, SUPERANDO OS ESTADOS UNIDOS

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

N o ano passado, o Brasil alcançou a marca de 169,2 bilhões de dólares em exportações. E, mesmo diante de conflitos internacionais, incertezas econômicas e desafios globais, o país segue acelerando seu crescimento: avançamos 3,7% neste ano, acima dos 3% registrados no ano passado.

Esse desempenho reforça a força do agronegócio brasileiro e coloca o país em uma posição histórica: a expectativa é que o Brasil se torne, pela primeira vez, o maior exportador de produtos do agronegócio do mundo, superando os Estados Unidos.

Quem explica esse cenário com exclusividade à **Feed & Food** é Luis Rua, Secretário de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura. Segundo ele, esse resultado é fruto de um esforço conjunto entre setor público, iniciativa privada, associações e produtores, todos trabalhando com o mesmo objetivo: ampliar a competitividade dos nossos produtos e abrir cada vez mais portas para o Brasil no mercado internacional. E, de acordo com Rua, os números comprovam isso: até o início de maio de 2026,

o Brasil já havia aberto 612 novos mercados para os produtos brasileiros.

Acompanhe a entrevista completa do Secretário de Comércio e Relações Internacionais do MAPA, Luis Rua.

Como você avalia o impacto das políticas públicas hoje sobre a competitividade do agro brasileiro no cenário global? Primeiro é importante dizer que o Brasil é um grande player no cenário global quando a gente fala do nosso agronegócio.

O Brasil, no ano passado, exportou 169,2 bilhões de dólares. Nesse ano a gente vem crescendo, mesmo com todas as questões, os conflitos, as incertezas, o Brasil vem crescendo 3,7%, é um número bastante grande, inclusive maior do que o crescimento do ano passado, que foi de 3%.

Ou seja, a gente vem aumentando o ritmo de crescimento, o que faz com que esse ano a gente não deve ser o principal exportador de produtos do agronegócio do mundo, passando os Estados Unidos e sendo pela primeira vez o maior exportador de produtos do agronegócio.

E isso não é à toa, é fruto de um trabalho que leva em conta essa conexão entre o setor público e o setor



“O QUE O BRASIL TEM QUE SEMPRE FAZER É SE MOSTRAR ABERTO AO DIÁLOGO E COMPROVAR COM FATOS, DADOS, COM INFORMAÇÕES, COM MUITA TÉCNICA, COM MUITO JEITO DE QUE A GENTE FAZ E FAZ BEM-FEITO”

LUIS RUA, SECRETÁRIO DE COMÉRCIO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

privado, as associações, todo mundo trabalhando no mesmo espírito de que é gerar competitividade para os nossos produtos e assim o Brasil acessar cada vez mais mercados.

Falando nisso, o Brasil abriu 612 mercados até o começo de maio de 2026. Temos a meta de chegar até o final do ano com 700 novos mercados abertos para os produtos agropecuários. quando a gente fala da avicultura, a gente está falando aí de mais de 60 mercados entre aves, ovos, material genético abertos nesses últimos três anos e meio, o que mostra que o Brasil tem avançado cada vez mais no cenário internacional de muitos atributos, como qualidade, quantidade, sanidade, estabilidade, complementariedade, sustentabilidade e a competitividade.

E a competitividade hoje não é só a questão de preço, é a competitividade também dos outros atributos, tanto nos aspectos sociais, nos aspectos ambientais, e o Brasil tem mostrado cada vez mais ao mundo que pode ser um provedor seguro, estável e confiável.

Você acha que a dependência da China continua sendo um risco calculado para o Brasil, ou não existe dependência? Como é que você avalia essa relação com a China? Olha, a China é o principal comprador dos produtos agropecuários do Brasil. se nós falarmos de maneira geral, 33% de tudo que o Brasil exporta de produtos agropecuários vai para a China. É um mercado que nós temos que estar muito atentos, sempre de olho, é um mercado muito grande, bastante exigente também em vários aspectos, de maneira que a China é muito importante.

Agora, nós temos trabalhado pela diversificação o fato de termos aberto 612 novos mercados na data de maio de 2025 para os produtos agropecuários é uma prova de que a gente está diversificando, agora nem sempre necessariamente você abre o mercado e começa a exportar no dia seguinte mas esse impacto começa a acontecer, e a gente começa a ver ao longo do tempo esse avanço então essa é a ideia de que a gente diversifique mercados, sempre tratando com a devida atenção, respeito e carinho a China, mas também investigando pa- ►

ra outras geografias. Eu entendo que isso tem acontecido basicamente em todas as cadeias produtivas do nosso agronegócio essa diversificação.

Por isso que a gente não cansa de pegar a mala e viajar pelo mundo junto com o setor privado para que a gente possa para que a gente possa avançar em vários temas de interesse em aberturas de mercado, ou mesmo uma ampliação de mercado, que às vezes o mercado já está aberto, mas tem um número limitado de estabelecimentos habilitados, ou tem alguma restrição técnica que impede a gente exportar mais.

Isso a gente faz parte do nosso processo, a gente está trabalhando muito a questão da regionalização, no caso de carne de aves, isso vai permitir que se a gente, porventura, tiver um novo caso de influenza viária, que as exportações fiquem, as restrições das exportações fiquem restritas a um raio, ou a uma cidade, ou um Estado, o que facilita a gente a não ter grandes disrupções no caso de um novo caso de influência aviária, de maneira que a agenda é bastante extensa, sempre tem espaço, e acho que tem espaço tanto para melhorar do ponto de vista do privado como do setor público, e é o que a gente está fazendo, andando de mão dada pelo mundo, buscando essas oportunidades.

Rua, você já participou de várias missões, são mais de 50. Quais são as principais demandas que você escuta em termos de agronegócio brasileiro, quais são as maiores dificuldades e as vantagens, que não tem como brigar com o Brasil? Aqui, se você pisar nesse cenário, vai ser difícil ganhar do Brasil. Como é que você avalia? A gente trabalha sempre com muita humildade, colocando o Brasil como uma alternativa. Eu acho que a ideia não é impor nada ao Brasil quando sai para o mundo, seja quando nós vamos negociar um acesso ao mercado, seja quando a gente vai tentar alguma ampliação, a gente sempre coloca o Brasil como uma alternativa que entregue um produto seguro, seguro, é um país que é confiável, que é estável e tudo isso faz parte dessas negociações.

A gente trabalha com muita humildade, entendendo que há diferenças em várias partes do mundo, as cultu-

ras são diferentes, por isso que a gente tenta sempre compreender aquilo que é necessidade do outro país. E a partir daí, colocar os nossos produtos à disposição de acordo com aquilo que os outros países efetivamente desejam.

Não é à toa que nós vamos ser esse ano o maior exportador, se Deus quiser, de produtos agronegócio.

Você acha que o Brasil consegue se posicionar como líder global quando a gente fala em sustentabilidade no agronegócio? Eu acho que nós precisamos fazer um rearranjo de rota nesses últimos três anos e meio, trazendo de novo essa questão da sustentabilidade para o centro da discussão, de maneira que, muito mais do que a narrativa, os fatos têm que falar por si.

E aí, quando a gente olha, por exemplo, uma redução do desmatamento na Amazônia, 50% nesses últimos anos, quando a gente olha uma série de ações afirmativas do Brasil, no sentido de, seja do ponto de vista de políticas públicas, seja do ponto de vista das empresas brasileiras, trabalhando cada vez mais a questão da sustentabilidade, eu tenho certeza que o Brasil é hoje uma das referências no tema.

Veja no caso da avicultura, a questão dos painéis solares, os biodigestores, o aproveitamento dentro de uma economia circular, tudo isso faz parte de um Brasil que não pensa só em produzir de maneira competitiva, mas como eu disse, produzir de maneira competitiva e ao mesmo tempo com muita sustentabilidade, atento às tendências mundiais, atento aos aspectos sociais.

Esse é um Brasil que produz bem e produz bastante. E é isso que a gente faz e por isso que a gente é chamado cada vez mais pelo mundo. Veja que num caso de guerra, como a gente está vivendo agora, em certezas, as nossas exportações vêm aumentando. Isso mostra que, nesses casos, o Brasil vai ser sempre um apoiador da segurança alimentar mundial e é para isso que a gente trabalha.

Certificações ambientais: Rua, você as entende como oportunidade ou um custo adicional? Qual é a sua avaliação? Olha, depende, aqui é uma resposta quase lacônica, mas depende um pouco do tipo de certificação, quem

a faz, com qual objetivo. Quando você é parte do processo, quando o setor produtivo é parte do processo, naturalmente isso facilita, porque aí você tem a realidade do setor aplicada a um conceito da sustentabilidade.

Tudo que eventualmente é imposto, e de maneira até ideológica, eventualmente, aí eu já tendo a dizer que não é benéfico. Agora, tudo aquilo que for construído em conjunto e levando em consideração as realidades, tanto as realidades do setor como as realidades locais, isso naturalmente faz todo sentido e é salutar.

E como comunicar melhor que o agro brasileiro é mais sustentável, de uma forma mais ampla, para o mundo? Como você avalia? Eu acho que com fatos e dados. O dado que eu dei da redução do desmatamento, o aumento das multas, aqueles que infringem a lei, tudo isso faz parte de uma construção de uma narrativa verdadeira.

Muito mais do que falar, nós temos que agir. E é o que a gente tem feito, agido, no âmbito do governo federal, mas ao mesmo tempo vejo as ações que as empresas vêm fazendo. E aí, naturalmente, essa comunicação começa quase para além de campanhas, que naturalmente são importantes, mas que muitas vezes são muito custosas.

Eu acho que o boca a boca e a difusão desses dados e informações vai mostrando que esse aqui é um Brasil que produz com sustentabilidade. Eu não tenho dúvida que nós estamos aí no top quando a gente fala desse aspecto.

Existe risco de barreiras comerciais prejudicarem a produção de proteína no Brasil? Olha, sempre existem riscos, especialmente no mundo de incertezas que a gente está vivendo. Agora, o Brasil tem um sistema robusto, o Brasil tem uma diplomacia bastante atuante, nós temos os nossos adidos agrícolas que defendem o nosso Brasil, o nosso agro do Brasil pelo mundo e a gente tem que ver caso a caso.

A gente entende que o Brasil é sustentável, mas eventualmente políticas protecionistas podem ir nessa linha. O que o Brasil tem que sempre fazer é se mostrar aberto ao diálogo e comprovar com fatos, dados, com informações, com muita técnica, com muito jeito de que a gente faz e faz bem-feito. ■



40 anos e contando.

Uma matriz de frango de corte confiável em todo o mundo há 40 anos.

Reconhecida por sua eficiência, uniformidade, consistência e adaptabilidade - e continua evoluindo.

Fale com seu representante de vendas Cobb para saber mais sobre como o Cobb500 corresponde a sua estratégia.

Acesse para saber mais:



Cobb500™

BRASIL APRESENTOU AO MUNDO SEU POTENCIAL EM SAÚDE ÚNICA DURANTE A BIO 2026, EM SAN DIEGO, NOS EUA

POR ABIQUIFI

A força do Brasil na BIO International Convention, maior evento global de Saúde e Biotecnologia, realizado de 22 a 25/6, em San Diego, nos EUA, foi consequência direta da participação dos principais elos que constituem o ecossistema brasileiro de Saúde (Humana e Animal) e inovação, por meio da delegação brasileira liderada pela Associação Brasileira das Indústrias de Insumos Farmacêuticos (Abiquifi) e Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil), que contou com mais de 180 profissionais.

Autoridades, empresas do setor produtivo, academia, instituições de ensino e fomento, entidades setoriais e startups, que reverberam a razão pela qual o país é o mercado ideal para receber investimentos e exportar produtos brasileiros para o exterior.

“Foi a minha 11ª participação na BIO com a Abiquifi e a cada edição enxergamos o nível de maturidade que o Brasil está alcançando perante os principais mercados globais. E aqui falo sem medo de errar: foi a nossa melhor participação, seja como país, seja como entidade setorial que representa a indústria nacional de Insumos Farmacêuticos Ativos (IFAs)”, destaca Norberto Pres-tes, presidente-executivo da Abiquifi.

DESTAQUE EM SAÚDE ÚNICA. Um dos destaques da agenda brasileira em solo norte-americano foi o ‘Invest in Brazil | One Health Summit: From Science to Scalable Solutions’, evento voltado para apresentar à investidores internacionais a capacidade do nosso país em reunir escala, biodiversidade e capacidade científica para desenvolver soluções integradas para a saúde humana, ani-

mal e ambiental. Em pauta, temas como medicina translacional, as tecnologias escaláveis e a conexão entre pesquisa, indústria e investimento.

O painel “Hub Brasil: Acelerando Soluções Globais em Saúde Única” reuniu importantes lideranças do ecossistema global de inovação: Lena Halos (Gates Foundation), Leane Oliveira (Elanco Animal Health), Ferdinando Almeida (Ourofino Saúde Animal), Rogério Almeida (Cristália) e Daniela Januário (AbbVie), mediado por Flavea Reis, especialista em Estratégia Científica e Desenvolvimento de Negócios.

“A biodiversidade brasileira, tanto populacional quanto pela riqueza de seus recursos naturais, foi destaque na discussão por representar uma importante fonte para a pesqui-

sa e o desenvolvimento de novas moléculas. O ecossistema de inovação do Brasil também teve grande repercussão na agenda, especialmente pela disponibilidade de talentos e profissionais qualificados, além da infraestrutura existente para pesquisa e estudos clínicos”, explica Flavea Reis.

A programação também incluiu duas palestras: a da Brakke Consulting, que abordou tendências globais em inovação e investimento, tecnologias disruptivas em ‘One Health’ e oportunidades para escalabilidade internacional; e a da Clarivate, sob a temática “O Brasil como Potência em Saúde Única: Ciência, Escala e Oportunidade”.

Outro destaque do evento foi a apresentação de empresas e startups brasileiras com soluções inovadoras e potencial internacional. Participaram Aché, Cellertz, Celluris, Crop Labs, Embrapa, IonVet, Mirscience, Nintx, Peptidus e Qnity.

Com a participação de representantes da indústria, do governo, de organizações internacionais, da academia e de empresas e startups inovadoras, o evento deixou um recado. “A Saúde Única deixou de ser apenas um conceito para se tornar uma realidade a ser considerada de forma estratégica, desde as etapas iniciais de pesquisa até o desenvolvimento de novas tecnologias e soluções”, conclui Flavea Reis.

A missão empresarial aos EUA foi feita em conjunto por Abiquifi e ApexBrasil, por meio do projeto Brazilian Pharma & Health (BPH), com patrocínio da AbbVie, Cytiva, Brakke Consulting, Instituto Butantan, Clarivate, Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (CNPEM), Finep, Bio-Manguinhos / Fiocruz, Interfarma, Johnson & Johnson, Sindusfarma, Synvia e ThermoFisher Scientific. ■



O futuro da produção animal é construído com inovação.

A Impextraco chega ao maior evento do setor de proteína animal da América Latina, com soluções inovadoras para a melhorar a eficiência produtiva.

✓ Pesquisa | Resultados comprovados | Eficiência

SIAVS
2026
FEIRA E CONGRESSO

04 a 06
AGO

Distrito Anhembi
São Paulo/SP
Estande 51



Impextraco América Latina

info.lam@impextraco.com | +55 (41) 3302 0100

impextraco.com

Fortalecemos a produtividade animal por meio de aditivos nutricionais de alta tecnologia.

MUITO ALÉM DA PROTEÍNA

POR PEDRO BITTAR

A nutrição animal passa boa parte do tempo procurando novas soluções. Mas, às vezes, vale a pena olhar com mais atenção para aquelas que já provaram seu valor ao longo de décadas.

As farinhas e gorduras de origem animal fazem parte desse grupo. Tão presentes nas formulações que, por vezes, sua contribuição estratégica acaba sendo tratada como algo corriqueiro. No entanto, basta observar sua composição nutricional para perceber que estamos diante de ingredientes que continuam respondendo a alguns dos principais desafios da produção animal moderna.

Em um momento em que a nutrição animal busca extrair cada vez mais eficiência de cada tonelada de ração produzida, vale observar a capacidade desses ingredientes de concentrar, em uma única matriz nutricional, proteína, energia, minerais e compostos funcionais.

Quando analisamos os números, essa característica fica ainda mais evidente. Uma farinha de sangue pode apresentar cerca de 85% de proteína bruta, enquanto a farinha de penas hidrolisadas supera os 80%. Ao mesmo tempo, ingredientes como a farinha de carne e ossos e a farinha de vísceras fornecem proteína associada a minerais estratégicos, especialmente cálcio e fósforo em formas altamente bio-

disponíveis. Poucas matérias-primas conseguem entregar um conjunto tão amplo de nutrientes em uma única solução (e sem fatores antinutricionais).

Mas acredito que a principal contribuição desses ingredientes não esteja apenas nos percentuais de proteína ou nos níveis de aminoácidos. O verdadeiro diferencial está na complementaridade nutricional que oferecem às formulações modernas. Lisina, metionina, treonina, arginina, glicina, taurina e hidroxiprolina são alguns dos compostos presentes nas diferentes farinhas de origem animal e que participam de funções diretamente relacionadas ao crescimento, ao metabolismo, à formação de tecidos e ao desempenho produtivo.

Outro ponto que merece reflexão é a crescente busca por eficiência no uso dos recursos disponíveis. A formulação de dietas deixou de ser apenas uma questão de atender exigências nutricionais mínimas. Hoje, ela envolve previsibilidade de custos, disponibilidade de matérias-primas, aproveitamento dos nutrientes

e competitividade dos sistemas produtivos. Nesse contexto, ingredientes que combinam elevada densidade nutricional e ampla aplicabilidade tornam-se ainda mais relevantes.

Por isso, quando discutimos o futuro da nutrição animal, talvez a pergunta mais interessante não seja se as farinhas e gorduras de origem animal têm espaço nas formulações. A

experiência prática e os resultados produtivos já responderam essa questão há muito tempo. O desafio está em compreender, cada vez melhor, o potencial que esses ingredientes ainda oferecem para a construção de sistemas produtivos mais competitivos, resilientes e nutricionalmente eficientes.

Essa é uma agenda que exige pesquisa,

inovação e geração de conhecimento. A ABRA e o setor brasileiro de reciclagem animal aceitam esse desafio, certos de que ainda há espaço para ampliar o valor agregado das farinhas e gorduras de origem animal nas formulações do futuro. ■

A FORMULAÇÃO DE DIETAS, HOJE, ENVOLVE PREVISIBILIDADE DE CUSTOS, DISPONIBILIDADE DE MATÉRIAS-PRIMAS, APROVEITAMENTO DOS NUTRIENTES E COMPETITIVIDADE DOS SISTEMAS PRODUTIVOS

Pedro Bittar é presidente do Conselho Diretivo da ABRA

**A FORÇA DE
NOVÉ DÉCADAS.**

**A SOLIDEZ
DE QUEM
CONSTRÓI
O AMANHÃ.**

Chegar aos 90 anos é muito mais do que celebrar o tempo, é honrar uma trajetória moldada pelo compromisso inabalável com quem produz.

Olhamos para o horizonte com a experiência de quem conhece o campo e a responsabilidade de continuar evoluindo para atender o que o seu negócio precisa.



Tradição que **ALIMENTA O FUTURO**



BRASIL 2036: A PRÓXIMA DÉCADA DA PROTEÍNA ANIMAL

ENTENDA A GEOPOLÍTICA DOS ALIMENTOS E
COMO O BRASIL CHEGOU AO **CENTRO DA NOVA
ORDEM MUNDIAL DA PROTEÍNA ANIMAL**

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

Durante grande parte do século XX, a influência global das nações esteve associada à capacidade de produzir energia, controlar rotas comerciais ou dominar tecnologias estratégicas. No século XXI, um novo elemento passou a integrar esse grupo de ativos fundamentais: os alimentos.

A crescente preocupação com a segurança alimentar mundial, agravada por conflitos geopolíticos, mudanças climáticas, crescimento populacional e interrupções nas cadeias globais de abastecimento, transformou a produção de alimentos em uma questão estratégica para governos, empresas e organismos internacionais.

Nesse cenário, a proteína animal assumiu posição central. Car-

nes, ovos, leite e pescado tornaram-se componentes essenciais da estabilidade alimentar de bilhões de pessoas, elevando a importância dos países capazes de produzir em larga escala, com qualidade sanitária, competitividade e sustentabilidade.

Entre esses países, o Brasil desponta como uma potência singular. Maior exportador mundial de carne bovina e de carne de frango, além de um dos principais produtores globais de proteína animal, o país reúne atributos que poucos concorrentes conseguem combinar simultaneamente: abundância de recursos naturais, disponibilidade hídrica, clima favorável, tecnologia tropical avançada, elevada produtividade e capacidade de expansão.

Em um momento em que diversas nações buscam reduzir vulnerabilidades no abastecimento alimentar, o Brasil emerge como fornecedor estratégico para um ►

mundo cada vez mais preocupado com a garantia do acesso à comida.

Manoel Martins, Vice-presidente de mercado Brasil e marketing da MBRF destacou com exclusividade à Feed & Food que a próxima década deve ser marcada por uma transformação importante no consumo de proteína animal. “A proteína tende a seguir ocupando um papel central na alimentação, mas com um consumidor mais atento à qualidade, conveniência, saudabilidade, origem e experiência de consumo”, diz.

Este fator, segundo Martins, exige que a indústria avance não só em escala e eficiência, mas também em inovação, valor agregado, diversidade de portfólio e capacidade de atender diferentes momentos de consumo, no Brasil e no exterior. “O Brasil tem uma posição muito competitiva nesse ce-

“QUEM CONSEGUIR COMBINAR EFICIÊNCIA PRODUTIVA, MARCAS FORTES, INOVAÇÃO E RESPONSABILIDADE TERÁ MAIS CONDIÇÕES DE CAPTURAR AS OPORTUNIDADES DESSE NOVO CICLO”

Manoel Martins, Vice-presidente de mercado Brasil e marketing da MBRF



O TABULEIRO GLOBAL MUDOU, E O IMPACTO É DUPLO: RISCO E OPORTUNIDADE

PELA CEO SURVEY, conflitos geopolíticos e tarifas preocupam 25% dos CEOs do agro, acima das médias nacional e global. Mayra Theis, sócia e líder da indústria de Agronegócio da PwC Brasil, explica que no curto prazo, os conflitos no Oriente Médio pressionam fertilizantes, logística e petróleo (que repercute no óleo de soja e nos biocombustíveis), enquanto barreiras sanitárias, como a decisão da União Europeia de restringir carnes brasileiras, tendem a ter peso mais reputacional do que de volume. “A questão chinesa é o ponto mais sensível do semestre. Com a finalização da cota de carne bovina por volta de agosto, o mercado do boi deve “testar sua adaptação sem a China”, embutindo desconto na curva futura e maior volatilidade até cerca de outubro — situação especialmente desafiadora para frigoríficos de menor porte. Na soja, a dúvida central é se a China absorverá simultaneamente as ofertas recordes de Brasil e EUA. Vale lembrar que a América do Sul concentra hoje cerca de 65% das exportações globais de soja, o que torna o Brasil cada vez mais central — e exposto — no equilíbrio mundial”, avalia.

Segundo a especialista, a avicultura desponta como o segmento mais resiliente do momento, com custos de ração controlados, demanda firme e exportações em alta — 497 mil toneladas em maio, crescimento de 30,8% sobre o ano anterior, segundo a Secex. A competitividade da carne de frango frente à bovina sustenta a absorção da produção no mercado interno. É a cadeia que melhor combina controle de custos e deman-

da no curto prazo. “A pecuária bovina, apesar do ruído chinês, mantém fundamentos estruturalmente construtivos: o mundo está mais escasso em carne bovina e o ciclo brasileiro segue em fase de retenção de fêmeas, o que sustenta os preços além de outubro. As exportações absorveram bem a produção em 2026, com embarques de 262 mil toneladas em maio (+20% sobre o ano anterior), segundo Cepea e Secex. O setor sucroenergético também mostra resiliência, beneficiado pela flexibilidade entre produção de açúcar e etanol, com safra recorde projetada no Centro-Sul (646,2 milhões de toneladas)”, diz Mayra.

No outro extremo, segundo ela, segmentos como suinocultura (com margens próximas das mínimas desde 2022), arroz (rentabilidade próxima de zero ou negativa) e culturas mais sensíveis ao clima, como café e milho de segunda safra, exigem maior cautela e gestão de risco. O fator transversal de resiliência, em todos os casos, é a sofisticação na gestão de riscos, hedge, seguro rural e diversificação.

O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO CONTINUA ATRAINDO INVESTIDORES NACIONAIS E ESTRANGEIROS. A leitura da PwC é de que o setor mantém atratividade diferenciada. Os fundamentos estruturais são robustos: o Brasil é o maior exportador global de soja, peça-chave em proteínas e bioenergia, e tornou-se central para o equilíbrio mundial de grãos. A confiança dos CEOs no crescimento da receita, embora em acomodação, ainda supera as médias nacional e global tanto no horizonte de 12 meses quanto no de três anos.

A tese de investimento é reforçada pela convergência do agro com novos setores: pela CEO Survey, 50% das empresas do agro passaram a competir em novas indústrias nos últimos cinco anos, impulsionadas por tecnologia, sustentabilidade e novos modelos de negócio. Essa dinâmica está alinhada ao estudo *Value in Motion* da PwC, que mapeia a migração de receitas entre setores na próxima década — movimento que tende a atrair capital nacional e estrangeiro para empresas capazes de se reinventar. “A demanda global por commodities cria condições favoráveis para que o Brasil capte investimentos voltados à expansão da capacidade produtiva e exportadora. A PwC, contudo, faz um alerta importante: empresas que postergam decisões — adiando investimentos relevantes ou evitando aquisições diante da incerteza geopolítica — tendem a crescer menos e a apresentar margens menores. Em um setor que atrai capital, a hesitação custa caro”, destaca Mayra.

A EVOLUÇÃO DAS FONTES DE FINANCIAMENTO E AS PROJEÇÕES PARA A PRÓXIMA DÉCADA. A PwC projeta uma transição estrutural nas fontes de financiamento do agro ao longo da próxima década: menor dependência do crédito subsidiado e maior protagonismo do mercado de capitais. A maturidade e profissionalismo do agronegócio brasileiro exige ampliação de instrumentos como LCA, CPR e Fiagro, conectando capital privado — nacional e estrangeiro — diretamente ao campo.

O financiamento climático e sustentável deve se consolidar como pilar estruturante. Programas como o Fundo Clima (BNDES) e o RenovAgro apontam o caminho do *green finance*, em que a captação de recursos passa a estar atrelada a critérios ambientais e à descarbonização. Esse movimento converge com a constatação da CEO Survey de que a agenda climática, hoje mais avançada no de-

sign de produtos do que na alocação de capital, tende a se integrar progressivamente às decisões de investimento e M&A.

Alinhada ao estudo *Value in Motion*, a PwC enxerga uma década de migração de valor entre setores, na qual o agro captará capital justamente ao convergir com tecnologia, bioenergia e soluções climáticas. A orientação estratégica é “seguir os fluxos globais de capital” como parte central do planejamento. O Brasil tem condições de atrair financiamento abundante e diversificado na próxima década — desde que avance na agenda de infraestrutura, gestão de risco e governança que transforma potencial em valor realizado.

“A QUESTÃO CHINESA É O PONTO MAIS SENSÍVEL DO SEMESTRE. COM A FINALIZAÇÃO DA COTA DE CARNE BÓVINA POR VOLTA DE AGOSTO, O MERCADO DO BOI DEVE “TESTAR SUA ADAPTAÇÃO SEM A CHINA”

Mayra Theis, sócia e líder da indústria de Agronegócio da PwC Brasil



nário, pela força da sua cadeia produtiva, pela variedade de proteínas e pela capacidade de acessar mercados com perfis muito distintos”, explica.

De acordo com o presidente da Associação Brasileira de Proteína Animal, Ricardo Santin, os últimos cinco anos aceleraram mudanças que provavelmente levariam uma década para acontecer. A pandemia reorganizou cadeias logísticas, alterou hábitos de consumo, elevou custos de produção e trouxe a segurança alimentar para o centro das discussões globais. “Ao mesmo tempo, vimos crescer a importância da biossegurança, da rastreabilidade, da sustentabilidade e da previsibilidade sanitária. Os compradores deixaram de avaliar apenas preço. Passaram a analisar capacidade de abastecimento contínuo, confiabilidade sanitária e estabilidade institucional”, destaca.

Santin avalia que no mercado interno, o consumidor valorizou ainda mais proteínas de alta qualidade nutricional e boa relação custo-benefício. Frango, ovos e carne suína ampliaram espaço justamente porque entregam esses atributos. “E no mercado internacional, o Brasil consolidou sua imagem como fornecedor confiável em um período marcado por crises sanitárias, conflitos geopolíticos e interrupções logísticas”, destaca.

O PERFIL DO CONSUMIDOR BRASILEIRO. Ricardo Santin aponta que houve uma grande mudança no perfil do consumidor brasileiro. Segundo ele, hoje existe um consumidor muito mais informado e conectado. Ele continua sensível ao preço, mas também observa conveniência, saudabilidade, origem dos alimentos, bem-estar animal e sustentabilidade. “Outro aspecto importante é a mudança demográfica. Famílias menores, maior urbanização e menos tempo disponível impulsionam produtos porcionados, marinados, prontos para preparo e alimentos de maior conveniência”, diz. “Isso não representa mudança apenas de embalagem. Exige inovação industrial, logística diferenciada e desenvolvimento constante de novos produtos”, pontua.

O Brasil já demonstrou, segundo o presidente da ABPA, que sabe produzir e que o próximo sal-



to depende do ambiente de negócios. "O Brasil não é melhor que o mundo, mas não há ninguém no mundo melhor que o Brasil. Precisamos ampliar acordos comerciais, reduzir custos logísticos, melhorar infraestrutura portuária, fortalecer a defesa agropecuária, ampliar a previsibilidade regulatória e acelerar processos de habilitação internacional", afirma.

AS TECNOLOGIAS QUE DEVEM TRANSFORMAR A PRODUÇÃO DE AVES E SUÍNOS NA PRÓXIMA DÉCADA. Ricardo Santin aponta que entraremos definitivamente na era da produção orientada por dados. Sensores, Internet das Coisas, inteligência artificial, visão computacional, automação industrial, robótica, genética de precisão, nutrição de precisão e biossegurança digital transformarão a tomada de decisão. "A granja do futuro será muito mais conectada. Isso permitirá identificar alterações sanitárias precocemente, otimizar consumo de insumos, melhorar desempenho zootécnico e aumentar eficiência produtiva", avalia.

"A demanda mundial continuará crescendo até 2035. O desafio deixará de ser apenas produzir mais. Será produzir mais com menor impacto ambiental, maior rastreabilidade, maior transparência e maior eficiência. O Brasil reúne condições para ampliar sua participação nesse mercado porque possui disponibilidade de recursos naturais, tecnologia, escala produtiva e reputação sanitária, e uma população vocacionada a produzir alimentos de qualidade, seguros e sustentáveis. Se continuarmos investindo em inovação, acordos comerciais, defesa agropecuária e infraestrutura, o país consolidará sua posição entre os principais responsáveis pela segurança alimentar mundial".

Ricardo Santin, Presidente da Associação Brasileira de Proteína Animal

O NASCIMENTO DA GEOPOLÍTICA DOS ALIMENTOS. A expressão "geopolítica dos alimentos" ganhou força nos últimos anos, mas o conceito tornou-se particularmente relevante após a pandemia da Covid-19.

As restrições logísticas globais, o fechamento temporário de fronteiras e as dificuldades de transporte internacional revelaram o quanto o abastecimento alimentar pode ser vulnerável diante de crises inesperadas.

Pouco depois, a guerra entre Rússia e Ucrânia ampliou as preocupações mundiais. Os dois países possuem participação expressiva na produção de grãos e fertilizantes, componentes fundamentais para a produção pecuária global.

O conflito provocou aumento dos custos de produção, volatilidade dos preços agrícolas e insegurança nos mercados internacionais.

Ao mesmo tempo, eventos climáticos extremos passaram a impactar regiões produtoras em diversos continentes. Secas históricas, enchentes, ondas de calor e alterações nos regimes de chuva intensificaram o debate sobre resiliência produtiva e segurança alimentar. Como consequência, governos passaram a revisar suas estratégias de abastecimento.

A busca por fornecedores confiáveis tornou-se prioridade nacional em diversas economias importadoras.

Mais do que preço, passaram a ser valorizados critérios como estabilidade política, regularidade de oferta, sanidade animal, capacidade logística e sustentabilidade. É exatamente nesse ambiente que o Brasil ganhou relevância estratégica.

BRASIL: FORNECEDOR DE CONFIANÇA EM UM MUNDO INCERTO. A agropecuária brasileira ocupa uma posição única no cenário internacional. Enquanto diversos países enfrentam limitações de área, água ou condições climáticas, o Brasil dispõe de recursos naturais abundantes aliados a um dos sistemas de pesquisa agropecuária mais eficientes do planeta.

Nas últimas décadas, os ganhos de produtividade foram extraordinários. Avanços em genética animal, nutrição, manejo, sanidade, integração lavoura-pecuária-floresta, agricultura de precisão e biotecnologia permitiram ampliar signifi-

cativamente a produção sem crescimento proporcional da área utilizada.

O resultado é um sistema produtivo cada vez mais eficiente e competitivo.

A cadeia da proteína animal tornou-se um dos pilares da economia brasileira, movimentando bilhões de dólares em exportações, gerando milhões de empregos e fortalecendo a presença do país em mercados estratégicos.

Hoje, carnes bovina, suína e de frango produzidas no Brasil chegam a mais de 150 países. Poucos fornecedores possuem alcance semelhante. Essa abrangência geográfica oferece uma vantagem importante: diversificação de mercados e redução da dependência de compradores específicos.

O AVANÇO DAS EXPORTAÇÕES E A ABERTURA DE NOVOS MERCADOS. Nos últimos anos, a expansão das exportações brasileiras de proteína animal foi impulsionada por três fatores principais.

O primeiro deles é o crescimento da demanda mundial. A população global continua aumentando e deverá se aproximar de 10 bilhões de habi-

tantes até meados do século. Paralelamente, a elevação da renda em países emergentes impulsiona o consumo de proteínas de maior valor agregado.

Historicamente, o aumento do poder aquisitivo está diretamente associado à ampliação do consumo de carnes, ovos e produtos lácteos.

O segundo fator é a diversificação geográfica da demanda. Embora a China permaneça como um dos principais destinos das exportações brasileiras, novos polos consumidores ganham relevância.

Países do Sudeste Asiático, como Indonésia, Filipinas e Vietnã, apresentam crescimento econômico consistente e rápida urbanização. No Oriente Médio, a preocupação com a segurança alimentar impulsiona acordos estratégicos de fornecimento de longo prazo.

Na África, o crescimento populacional cria uma das maiores oportunidades de expansão do consumo mundial de proteínas nas próximas décadas.

O terceiro fator é o reconhecimento internacional dos sistemas sanitários brasileiros. Em um ambiente

global cada vez mais rigoroso, a confiança sanitária tornou-se um dos principais diferenciais competitivos.

Mercados premium valorizam fornecedores capazes de atender exigências rigorosas relacionadas à saúde animal, rastreabilidade e qualidade dos produtos.

SEGURANÇA ALIMENTAR: O NOVO PETRÓLEO DO SÉCULO XXI. Especialistas em comércio internacional costumam afirmar que os alimentos estão se tornando o “novo petróleo”. A comparação não é exagerada. Se no passado a dependência energética moldava alianças geopolíticas, hoje a segurança alimentar desempenha papel semelhante.

Países importadores buscam garantir acesso contínuo a alimentos estratégicos por meio de acordos comerciais, investimentos produtivos e parcerias de longo prazo.

A preocupação vai além do abastecimento imediato. Governos buscam proteger suas populações contra oscilações de preços, crises de oferta e ►

A produção animal evolui todos os dias. Os desafios também!

Há 40 anos desenvolvemos tecnologias que promovem a construção de uma produção animal mais eficiente, rentável e preparada para o futuro.

- Saúde Intestinal
- Suporte Imunológico
- Desempenho e Eficiência
- Bem-estar Animal
- Manejo de Toxinas
- Qualidade da Ração
- Soluções Baseadas em Ciência e Inovação
- Presença Global com Atuação Local

Biochem
Feed Safety for Food Safety®



Escaneie o QR Code e saiba mais





interrupções logísticas. Nesse contexto, os exportadores de proteína animal assumem importância crescente.

O Brasil encontra-se entre os poucos países com potencial para ampliar significativamente sua produção e atender à expansão da demanda global sem comprometer sua competitividade. Essa condição fortalece seu papel geopolítico e amplia sua influência nas negociações internacionais relacionadas à alimentação.

SUSTENTABILIDADE DEIXA DE SER DIFERENCIAL E VIRA REQUISITO. A próxima década será marcada por uma mudança importante na lógica dos mercados internacionais. Sustentabilidade não será mais percebida apenas como vantagem competitiva. Ela passará a ser requisito básico de acesso aos principais compradores globais.

Investidores, varejistas, indústrias alimentícias e consumidores exigirão cada vez mais transparência sobre a origem dos produtos.

Questões relacionadas ao uso racional de recursos naturais, redução de emissões, conservação ambiental e bem-estar animal ganharão peso crescente nas decisões comerciais.

Para a proteína animal brasileira, isso representa simultaneamente um desafio e uma oportunidade. O desafio está na necessidade de ampliar mecanismos de monitoramento, certificação e rastreabilidade.

A oportunidade surge porque o Brasil possui condições de demonstrar ganhos expressivos de produtividade e eficiência ambien-

CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES, SEGURANÇA ALIMENTAR, ABERTURA DE MERCADOS E INOVAÇÃO POSICIONAM O BRASIL COMO PROTAGONISTA DA ALIMENTAÇÃO GLOBAL ATÉ 2035

tal ao longo das últimas décadas.

Quem conseguir comprovar sustentabilidade de forma mensurável terá vantagem competitiva significativa.

O FUTURO SERÁ TECNOLÓGICO. A transformação digital está revolucionando a produção animal. Sensores inteligentes, inteligência artificial, internet das coisas, automação industrial e análise avançada de dados já fazem parte da realidade de muitas propriedades e agroindústrias. Até 2035, essas tecnologias deverão se tornar predominantes. A inteligência artificial permitirá prever surtos sanitários, otimizar dietas, reduzir desperdícios e aumentar a eficiência produtiva.

Sistemas automatizados de monitoramento acompanharão em tempo real indicadores relacionados à saúde, ao desempenho e ao bem-estar dos animais. Na indústria, algoritmos contribuirão para otimizar processos produtivos, reduzir custos e ampliar a rastreabilidade. A digitalização será um dos pilares da competitividade global.

BRASIL 2035: LIDERANÇA OU OPORTUNIDADE PERDIDA? As condições para que o Brasil se torne a principal referência mundial em proteína animal estão dadas. O país possui recursos natu-

rais, conhecimento técnico, base produtiva, capacidade industrial e reconhecimento internacional. No entanto, a consolidação dessa liderança dependerá de investimentos contínuos em infraestrutura logística, inovação tecnológica, defesa sanitária, sustentabilidade e abertura de mercados.

Também será necessário fortalecer a comunicação internacional sobre os avanços ambientais e produtivos da agropecuária brasileira.

O mundo precisará de mais alimentos nas próximas décadas. A questão central já não é se haverá demanda. A verdadeira pergunta é quais países estarão preparados para atendê-la. Poucos possuem condições tão favoráveis quanto o Brasil.

Na nova geopolítica dos alimentos, a proteína animal brasileira não representa apenas uma importante atividade econômica. Ela se consolida como um ativo estratégico capaz de influenciar mercados, fortalecer relações internacionais e contribuir decisivamente para a segurança alimentar global. O futuro da proteína animal será construído por quem conseguir produzir mais, melhor e de forma sustentável. E o Brasil está entre os principais candidatos a liderar essa transformação. ■

STODI®

PRODUTO NATURAL QUE AUXILIA:



NO CONTROLE DE DIARREIA
e melhor absorção
de nutrientes



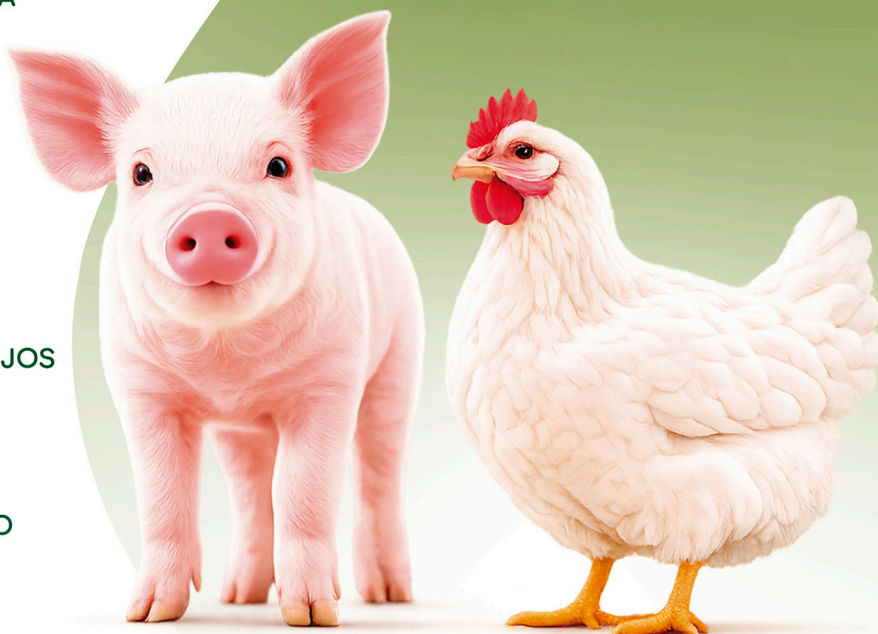
NA SAÚDE INTESTINAL
que gera resultados



NA REDUÇÃO DE OVOS SUJOS
mais ovos rentáveis



NO MELHOR DESEMPENHO
menos perdas



Fortalece a
integridade
intestinal



Normaliza o
peristaltismo
intestinal

Retém a água
presente em
excesso no TGI



Controla a
hipersecreção



Efeitos anti-
inflamatórios
sobre o lúmen
intestinal

STODI®

 **Vidara**

 www.vidara.com

 (11) 3109-2000

 Vidara do Brasil

 @vidarabrasil



COMO A SUSTENTABILIDADE TEM IMPULSIONADO O SISTEMA DE PRODUÇÃO DE PROTEÍNA ANIMAL

ESPECIALISTAS EXPLICAM QUE PRODUZIR DE FORMA SUSTENTÁVEL SIGNIFICA PRODUZIR MELHOR, COM MAIS EFICIÊNCIA, RESPONSABILIDADE E COMPETITIVIDADE

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

A sustentabilidade deixou de ser apenas uma exigência dos mercados para se tornar um dos principais motores de inovação e competitividade da avicultura e da suinocultura brasileiras.

Ao longo das últimas décadas, por exemplo, os setores de aves e suínos passaram por uma profunda transformação tecnológica. A busca por maior eficiência produtiva levou ao desenvolvimento de avanços em genética, nutrição, sanidade, ambiência e gestão, permitindo produzir mais proteína animal com menor consumo de recursos naturais.

Segundo Ariel Antonio Mendes,

Presidente da FACTA, o resultado é um sistema produtivo cada vez mais eficiente, capaz de atender à crescente demanda por alimentos de forma responsável e competitiva. “Na avicultura de corte, os ganhos de produtividade reduziram significativamente a necessidade de insumos por quilo de carne produzida. Na produção de ovos, a evolução dos sistemas de manejo, biossegurança e bem-estar animal contribuiu para elevar os padrões de eficiência e qualidade. Da mesma forma, a suinocultura incorporou soluções que transformaram desafios ambientais em oportunidades de geração de valor, como o apro-

veitamento de dejetos para produção de biogás e biofertilizantes”, detalha.

A sustentabilidade, de acordo com Mendes, também impulsiona a adoção de novas tecnologias. “Sistemas de monitoramento, automação, rastreabilidade e análise de dados permitem decisões mais precisas, melhorando simultaneamente os resultados econômicos, ambientais e produtivos. Cada vez mais, eficiência e sustentabilidade caminham lado a lado”, pontua.

Para Jean Carlos Vilas Boas Souza, chefe adjunto de Transferência de Tecnologia da Embrapa Suínos e Aves, a busca por uma suinocultura e uma avicultura sustentáveis baseia-

-se em diversos princípios, todos aceitos internacionalmente como norteadores da ação de empresas, governos ou instituições de pesquisa. São exemplos desses conceitos a definição clássica do Relatório Brundtland (atender às necessidades presentes sem comprometer as gerações futuras), a ideia do Capital Natural, a proposta de economia circular e, fundamentalmente, o “Triple Bottom Line” (Tripé da Sustentabilidade, que prevê a gestão dos negócios por meio do equilíbrio entre as dimensões econômica, social e ambiental). “Na realidade brasileira, a sustentabilidade em suínos e aves tem sido ser compreendida por uma busca de melhoria nos processos de produção. O foco, na suinocultura e avicultura, deixou de ser apenas o volume de produção e passou a ser a eficiência máxima dos recursos. “Dados da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) e da Embrapa mostram que os dois setores têm liderado iniciativas de vanguarda no agronegócio em pilares bem definidos. As principais ações práticas implementadas pelo setor dividem-se em quatro grandes frentes: a) transformação de passivos ambientais em bioenergia; b) transição energética e eficiência hídrica; c) rastreabilidade da cadeia de grãos (Desmatamento Zero); e d) nutrição de precisão e bem-estar animal”, destaca. “Porém, para que a sustentabilidade saia cada vez mais do campo da subjetividade e se baseie em fatos e dados, é indispensável o uso crescente de indicadores e métricas reconhecidos internacionalmente. A organização desses elementos forma os protocolos de sustentabilidade, documentos que avaliam se a produção minimiza impactos ambientais, promove bem-estar social e garante viabilidade econômica”, diz.



Ariel Antonio Mendes,
presidente
da FACTA



Guilherme Cunha Malafaia, pesquisador da Embrapa Gado de Corte, coordenador do Centro de Inteligência da Carne Bovina (CiCarne)



Jean Carlos Vilas Boas Souza, chefe adjunto de Transferência de Tecnologia da Embrapa Suínos e Aves

SUSTENTABILIDADE COMO MOTOR DA MODERNIZAÇÃO PECUÁRIA. Durante décadas, o crescimento da pecuária bovina brasileira foi sinônimo de expansão territorial. Esse modelo funcionou enquanto a terra era abundante e o mercado global tolerava passivos socioambientais. Nenhuma dessas condições subsiste.

Guilherme Cunha Malafaia, pesquisador da Embrapa Gado de Corte, coordenador do Centro de Inteligência da Carne Bovina (CiCarne), explica que a sustentabilidade entrou na cadeia da carne bovina pelo peso combinado de regulações internacionais, pressão de compradores e o custo crescente da degradação produtiva acumulada. “O resultado é uma transformação sem precedentes: o imperativo ambiental tornou-se, simultaneamente, o maior desafio e a maior oportunidade estrutural que a pecuária brasileira já enfrentou”, diz. ■

gência da Carne Bovina (CiCarne), explica que a sustentabilidade entrou na cadeia da carne bovina pelo peso combinado de regulações internacionais, pressão de compradores e o custo crescente da degradação produtiva acumulada. “O resultado é uma transformação sem precedentes: o imperativo ambiental tornou-se, simultaneamente, o maior desafio e a maior oportunidade estrutural que a pecuária brasileira já enfrentou”, diz. ■

MACHOS DE ORIGEM LEITEIRA GANHAM ESPAÇO NA PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL DE CARNE

APROVEITAMENTO DE BEZERROS PROVENIENTES DE REBANHOS LEITEIROS PODE AMPLIAR A OFERTA DE CARNE, AGREGAR RENDA À ATIVIDADE, REDUZIR PRESSÃO POR NOVAS ÁREAS E ATENDER EXIGÊNCIAS DE BEM-ESTAR ANIMAL E SUSTENTABILIDADE.

KEVIN NASCIMENTO
kevin@dc7comunica.com.br

Durante muito tempo, os bezerros machos provenientes de rebanhos leiteiros foram vistos como um problema em grande parte das propriedades brasileiras. A baixa valorização desses animais, somada aos desafios de manejo e destinação, limita-

va seu aproveitamento produtivo. Esse cenário, no entanto, tem passado por mudanças à medida que cresce a busca por modelos capazes de ampliar a oferta de carne, agregar renda à atividade leiteira e atender exigências relacionadas ao bem-estar animal e à sustentabilidade. ►

Segundo Duarte Vilela, pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, a Embrapa Gado de Leite, o aproveitamento de machos de origem leiteira representa uma oportunidade alinhada às transformações em curso na pecuária mundial. A estratégia exige estudos, planejamento e adaptação às condições dos sistemas brasileiros de produção, mas já encontra referências em experiências bem-sucedidas em países como Estados Unidos, Canadá e nações europeias.

Foi com esse objetivo que a Embrapa Gado de Leite e parceiros iniciaram, em 2022, estudos voltados à busca de inovações em manejo, genética e nutrição animal para a produção de machos precoces provenientes de rebanhos leiteiros. As estratégias avaliam formas de aproveitar esses animais com eficiência técnica e econômica, considerando o potencial de geração de renda para produtores e a necessidade de tornar a cadeia mais sustentável.

O Brasil reúne condições relevantes para avançar nesse modelo. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, citados pelos pesquisadores, o país possui o maior rebanho bovino do mundo, com 238,2 milhões de animais, abate 42,9 milhões de cabeças e produz 37,5 bilhões de litros de leite por ano. Além disso, ocupa posição de destaque como maior produtor mundial de carne bovina e terceiro maior produtor mundial de leite de vaca.

O potencial de aproveitamento também está relacionado ao volume de vacas ordenhadas no país. Segundo os pesquisadores, o IBGE registrou 15,13 milhões de cabeças ordenhadas no ano. Considerando, de forma hipotética, que 50% das crias sejam machos e uma taxa de sobrevivência de 90%, aproximadamente 6,8



Rui da Silva Verneque e Duarte Vilela, pesquisadores da Embrapa Gado de Leite

milhões de bezerros de origem leiteira poderiam ser incorporados anualmente à produção de carne no Brasil.

Rui da Silva Verneque, também pesquisador da Embrapa Gado de Leite, destaca que os sistemas intensivos de produção de carne têm papel importante nesse processo. Modelos que utilizam dietas com alta porcentagem de grãos, ou mesmo dietas exclusivas de grãos, tendem a reduzir a emissão de metano entérico, tanto pelo efeito da alimentação quanto pela menor idade de abate dos animais. Quando abatidos precocemente, esses bovinos passam menos tempo emitindo metano no ambiente.

Esse ponto reforça a relação entre intensificação produtiva e sustentabilidade. Em sistemas mais eficientes, o animal chega ao peso de abate em menos tempo, consome recursos de forma mais planejada e contribui para melhorar os indicadores ambientais da produção. Ao mesmo tempo, a estratégia exige manejo adequado, nutrição bem formulada, gené-

tica compatível e avaliação econômica para que o modelo seja viável dentro da realidade de cada propriedade.

Verneque também observa que a pecuária brasileira passa por um movimento de intensificação associado à chamada Quinta Onda da Pecuária. O conceito envolve produtores que vêm ampliando taxas de lotação e desfrute em comparação à década passada, com adoção de adubação de pastagens, integração lavoura-pecuária-floresta, a ILPF, e maior uso de confinamento, recria e terminação intensiva. A proposta é acelerar o capital de giro com o bezerro e otimizar o uso sustentável da terra.

Nesse contexto, o aproveitamento de machos de origem leiteira aparece como uma alternativa capaz de aproximar duas cadeias estratégicas: leite e carne. Ao transformar um antigo desafio em oportunidade produtiva, o sistema pode contribuir para ampliar a eficiência da pecuária nacional, reduzir perdas, mitigar emissões e agregar valor ao leite produzido no país. ■



B-Act[®]

Probiótico de ação precisa para saúde intestinal e performance.



Atua por exclusão competitiva e antagonismo direto contra *Clostridium perfringens*.



Produção de lichenicidina, auxiliando na inibição de *C. perfringens* e na prevenção da enterite necrótica.



Cria um ambiente favorável à microbiota benéfica.



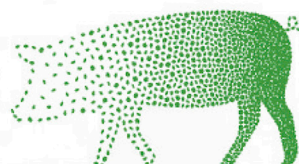
Estabiliza a microbiota intestinal.



Melhora a digestibilidade.



Reduz risco de enterites bacterianas.



COMO O SETOR DE POSTURA SE AJUSTOU DIANTE DA NOVA REALIDADE DA SUSTENTABILIDADE

COM MENOR IMPACTO AMBIENTAL ENTRE AS PROTEÍNAS DE ORIGEM ANIMAL, **A PRODUÇÃO DE OVOS AVANÇA** EM ESTRATÉGIAS NUTRICIONAIS, MANEJO, BEM-ESTAR ANIMAL E EFICIÊNCIA PRODUTIVA PARA ATENDER ÀS NOVAS EXIGÊNCIAS DO MERCADO E DA SOCIEDADE

KEVIN NASCIMENTO

kevin@dc7comunica.com.br

Entre as proteínas de origem animal, a produção de ovos ocupa uma posição relevante no debate sobre sustentabilidade. Com emissão inferior a 50 kg de CO₂-eq por kg de ovos e pegada hídrica estimada em 2.562 litros de água por kg de produto, a atividade apresenta indicadores ambientais considerados menores em comparação a outras cadeias de proteína animal. Ainda assim, o setor de postura tem sido pressionado a avançar em práticas que conciliem eficiência econômica, menor impacto ambiental, segurança alimentar e bem-estar animal.

Quem explica esse movimento é Sarah Sgavioli, professora do Programa de Pós-graduação em Ciência Animal, o PPGCA, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a PUCPR. Segundo ela, embora alimentos de origem vegetal tenham, em geral, pegada ambiental menor quando comparados aos de origem animal, os indicadores baseados apenas em quilos de alimento não consideram a composição nutricional dos produtos. Nesse contexto, o ovo se destaca pela presença de vitaminas, minerais, proteínas e lipídeos. “Os ajustes do setor de postura para uma produção mais sustentável dependem de diversos fatores relacionados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável ambiental, econômico e social elucidados na Agenda

2030. Na produção de ovos, as preocupações relacionadas à sustentabilidade dizem respeito ao impacto ambiental, principalmente em relação ao uso da água e da terra e à emissão de gases de efeito estufa (GEE)”, destaca Sarah.

Nos últimos anos, segundo a professora, a cadeia produtiva de ovos tem buscado desenvolver atividades capazes de atender às necessidades nutricionais da população sem deixar de lado aspectos econômicos, sociais, culturais e de bem-estar animal. Um dos pontos centrais desse processo está na alimentação das aves, já que a produção de ração é o principal fator responsável pelas emissões de gases de efeito estufa na cadeia de suprimento de ovos, representando cerca de 57% do total.

Para reduzir esse impacto, a formulação das dietas passou a incorporar estratégias como o uso de aditivos nutricionais ou zootécnicos, modelos matemáticos para estimar as exigências das aves e ferramentas de análise da composição nutricional dos ingredientes, como o NIR. Essas práticas contribuem para tornar a produção de ovos mais sustentável do ponto de vista ambiental, ao estimular menor uso de terra e água, redução da geração de resíduos, menor poluição hídrica e diminuição das emissões de gases de efeito estufa.

Além dos ganhos ambientais, Sarah

observa que o uso de aditivos também pode reduzir a inclusão de antimicrobianos melhoradores de desempenho nas dietas, contribuindo para objetivos ligados à saúde e ao bem-estar humano. “A sustentabilidade, nesse sentido, deixa de estar restrita ao ambiente e passa a envolver também aspectos de saúde pública, qualidade do alimento e segurança no sistema produtivo”, finaliza. ■

Sarah Sgavioli,
professora do
Programa de
Pós-graduação
em Ciência Animal
(PPGCA) da Pontifícia
Universidade
Católica do Paraná
(PUCPR)



SustainWay

O serviço da Adisseo
dedicado à sustentabilidade.



Da compreensão dos conceitos de sustentabilidade à medição e redução da pegada ambiental, a Adisseo oferece suporte especializado em cada etapa da sua jornada.

Saiba mais!



SUSTAINWAY LEVA DADOS AMBIENTAIS À TOMADA DE DECISÃO NA PRODUÇÃO ANIMAL

CASE DA **ADISSEO** INSCRITO NO TROFÉU CURUCA COMBINA AVALIAÇÃO DE CICLO DE VIDA, CAPACITAÇÃO E ANÁLISE DE FORMULAÇÕES PARA CONECTAR SUSTENTABILIDADE, DESEMPENHO E CUSTO

KEVIN NASCIMENTO

kevin@dc7comunica.com.br

Transformar compromissos ambientais em decisões concretas para a produção animal é a proposta do SustainWay, serviço da Adisseo inscrito no Troféu Curuca, na temática Corporações e Sustentabilidade. A iniciativa foi estruturada para apoiar empresas que já possuem metas ambientais, mas ainda precisam de dados, metodologia e ferramentas capazes de relacionar sustentabilidade com nutrição, eficiência produtiva e viabilidade econômica.

Segundo Guilherme Vasconcellos, gerente de Categoria Feed Digestibility da Adisseo Latam, a agenda está ligada à necessidade de ampliar a produção de proteína animal com melhor

uso dos recursos naturais. “O mundo vai precisar produzir cada vez mais proteína animal para uma população que cresce a cada segundo. É preciso produzir com melhor uso de recursos naturais, menor impacto ambiental e sistemas mais preparados para os desafios climáticos”, afirma.

Essa visão passou a orientar investimentos industriais, inovação, desenvolvimento de produtos e o relacionamento com clientes. Para Vasconcellos, o SustainWay representa a aplicação prática desse conhecimento. “Não é um projeto feito para ficar bonito no papel. É um serviço que ajuda o cliente a medir, comparar e tomar decisões melhores de forma prática”, destaca.

DA AVALIAÇÃO À FORMULAÇÃO. O SustainWay foi dividido em quatro etapas. A primeira oferece acesso às Avaliações de Ciclo de Vida (ACV) dos produtos da Adisseo, permitindo comparar soluções com base científica e acompanhar sua pegada ambiental. A segunda reúne treinamentos personalizados sobre sustentabilidade, critérios ambientais, sociais e de governança e metodologia de ACV.

Na terceira etapa, o trabalho chega à formulação das dietas. De acordo com Vasconcellos, entre 60% e 80% do impacto ambiental da produção de animais monogástricos está relacionado à nutrição. Por meio da ferramenta ADICT, podem ser comparados cenários que consideram a ori-



gem das matérias-primas, o uso de aditivos, a eficiência zootécnica, o consumo de água, a acidificação e a eutrofização. “Hoje, nossa base considera mais de 1.500 ingredientes e origens, o que permite ao nutricionista formular olhando para desempenho, custo e impacto ambiental ao mesmo tempo. Com o ADICT, estas informações são conectadas diretamente com o programa de formulação do nutricionista, sem a necessidade de usar plataformas externas”, explica.

A quarta etapa consiste no desenvolvimento, em conjunto com o cliente, de uma Avaliação de Ciclo de Vida da própria ração ou do sistema de produção animal. O estudo utiliza dados reais e metodologia verificada para identificar os pontos de maior impacto e orientar estratégias, relatórios e planos de melhoria. “O cliente deixa de trabalhar com percepções e passa a ter informação técnica para orientar sua estratégia, seus relatórios e suas decisões”, ressalta.

Segundo o executivo, o desenvolvimento do SustainWay também aproximou áreas como nutrição, inovação, sustentabilidade e negócios dentro da Adisseo. Na relação com o mercado, ampliou o apoio a clientes que precisam medir impactos, comparar formulações e responder a novas exigências ambientais.

EFICIÊNCIA E METAS. A atuação junto aos clientes ocorre paralelamente às metas aplicadas às operações industriais. Em 2025, a Adisseo concluiu o ciclo ambiental de 2020 a 2025 com redução de 21% nas emissões absolutas de gases de efeito estufa dos Escopos 1 e 2, em comparação com 2020. Em relação a 2015, houve queda de 20% na intensidade do consumo de energia, de 24% na intensidade do consumo de água e de 67% no volume de resíduos por tonelada produzida.

No mesmo ano, a companhia destinou 372 milhões de yuans a investimentos de capital relacionados à mitigação das mudanças climáticas e ao desempenho ambiental. Entre as iniciativas está o projeto Pâques, em Nanjing, na China, que substituiu uma etapa de queima no tratamento de efluentes por um processo de fermentação e tem redução estimada em 45 mil toneladas de dióxido de carbono



Guilherme Vasconcellos, gerente de Categoria Feed Digestibility da Adisseo Latam: “Sustentabilidade precisa estar conectada às decisões que a empresa toma todos os dias”.

Uma operação mais eficiente consome menos energia, menos água, gera menos emissões e se torna mais competitiva”, afirma Vasconcellos.

As Avaliações de Ciclo de Vida já cobrem 95% do portfólio da companhia. Para 2030, a Adisseo definiu metas de redução de 55% na intensidade das emissões dos Escopos 1 e 2 e de 20% na intensidade do consumo de energia, ambas em comparação com 2020. O planejamento inclui redução absoluta de 2,5% nas emissões globais do Escopo 3, tendo 2024 como referência, e queda de 30% na intensidade do consumo de água em relação a 2015.

O acompanhamento passa pelo Conselho, pelo Comitê Executivo e pelas equipes operacionais. Par-

te os objetivos de desenvolvimento sustentável também está vinculada à remuneração variável da liderança, incluindo indicadores de segurança, emissões e avaliações ESG.

Para Vasconcellos, o maior desafio é tornar a sustentabilidade prática e mensurável em uma cadeia formada por diferentes sistemas produtivos. “Não basta definir metas. É preciso traduzir carbono, LCA, eficiência, formulação e indicadores ESG em decisões que façam sentido para quem está na fábrica de ração, na granja, no campo ou na gestão do negócio”, observa.

O executivo acrescenta que a evolução depende da colaboração entre empresas, clientes, fornecedores, produtores e parceiros. “Sustentabilidade só ganha escala quando deixa de ser um compromisso individual e passa a ser uma construção coletiva.”

Para Vasconcellos, o legado pretendido é contribuir para uma produção de alimentos mais eficiente, acessível, segura e responsável. “No fim, sustentabilidade não é sobre escolher entre produzir ou preservar. É sobre encontrar formas melhores de continuar produzindo, sem comprometer a capacidade de produzir no futuro”, conclui. ■



PRINCIPAL META AMBIENTAL DA HUVERPHARMA É ATINGIR A NEUTRALIDADE DE CARBONO NOS ESCOPOS 1 E 2 ATÉ 2030

ESTE É O OBJETIVO PARA O QUAL A **HUVERPHARMA** SEGUE FIRME, E NO CAMINHO CERTO

KEVIN NASCIMENTO

kevin@dc7comunica.com.br

Como líder global em soluções para saúde, nutrição e biossegurança animal, a Huvepharma entende que tudo o que faz influencia não apenas a cadeia global. Segundo Marcos Branco, Diretor da Huvepharma Brasil, a motivação da empresa está fundamentada em um compromisso de longa data com o fornecimento de alimentos seguros e de alta qualidade para a população atual e para aquelas que virão no futuro. “Acreditamos que alimentos seguros e nutritivos, aliados a um ambiente saudável, são pilares essenciais para esse futuro”, explica.

“Para nós, sustentabilidade não se resume a iniciativas pontuais, mas sim a um compromisso contínuo de longo prazo. Como empresa, temos orgulho de nosso histórico de engajamento com as comunidades”, pontua.

Branco destaca que desde o início da trajetória da Huvepharma, há mais de 70 anos, a empresa tem plena consciência de seu papel junto às comunidades onde estão localizadas suas fábricas e escritórios. “O apoio a iniciativas ambientais, educacionais e culturais sempre fez parte da nossa identidade búlgara, muito antes de o termo sustentabilidade se tornar am-

plamente utilizado. Essa tradição de contribuir para o bem-estar local é extremamente valorizada por nossas equipes e representa uma parte fundamental de quem somos”, afirma.

HUVEPHARMA E O APOIO À PRODUÇÃO PECUÁRIA SUSTENTÁVEL. Como parceiros ativos da cadeia de produção animal, a Huvepharma tem orgulho de desenvolver e fornecer produtos e soluções inovadoras que ajudam os produtores a alcançar melhores resultados, preservando a saúde e o bem-estar dos animais. “Por meio desses esforços, contribuimos para que os produtores construam sistemas de produção mais eficientes, resilientes e sustentáveis, algo que gera grande orgulho para nossas equipes”, afirma.

CRESCIMENTO ECONÔMICO E RESPONSABILIDADE AMBIENTAL. Responsabilidade ambiental não é oposta ao crescimento econômico; pela experiência da Huvepharma, explica Branco, ambas se fortalecem mutuamente. “A Huvepharma opera processos produtivos com elevado consumo energético e, em 2020, estabeleceu uma meta ambiciosa: alcançar a neutralidade de carbono nas emissões dos Escopos 1 e 2 até 2030”, diz.

Para atingir esse objetivo, a empresa adota uma estratégia baseada em energia renovável e redução da dependência de combustíveis fósseis. “Estamos investindo € 300 milhões na conversão de nossas instalações para fontes renováveis de energia, incluindo energia solar, sistemas de armazenamento em baterias, soluções de transformação de resíduos em energia e eletrificação de processos produtivos”, conta Marcos Branco. “Esses investimentos nos permitem manter maior controle sobre o fornecimento de energia, estabilizar custos no longo prazo e aumentar nossa resiliência operacional. Diante das atuais incertezas geopolíticas, essa estratégia não apenas reduz emissões, mas também fortalece nossa segurança energética e estabilidade econômica”, afirma.

RESULTADOS CONCRETOS ALCANÇADOS PELA HUVEPHARMA EM SUSTENTABILIDADE

Desde o lançamento do programa de descarbonização em 2020, a Huvepharma já reduziu sua pegada de carbono absoluta em 30% e o consumo de água em 15%. Considerando o crescimento econômico obtido no mesmo período, os resultados são ainda mais expressivos:

Redução superior a
40%
na intensidade de carbono (toneladas de CO₂ por euro de faturamento).

Redução superior a
40%
na intensidade do consumo de água (m³ de água por euro de faturamento).

Atualmente, aproximadamente 43% de todo o vapor utilizado em nossas operações é gerado por nosso **sistema circular de aproveitamento energético de resíduos**, reduzindo significativamente a dependência de combustíveis fósseis. Além disso, entre 75% e 80% da água utilizada é reutilizada ou reciclada.

Marcos Branco,
Diretor da
Huvepharma
Brasil



DESTAQUE TROFÉU CURUCA

ANIMAIS monogástricos não conseguem digerir fibras de forma eficiente, fazendo com que nutrientes valiosos fiquem retidos na matriz fibrosa. Esse efeito antinutricional ocorre em todos os tipos de formulações de dieta, inclusive nas dietas tradicionais à base de milho e farelo de soja.

Após anos de pesquisa sobre degradação de fibras em parceria com a Universidade de Wageningen, a empresa desenvolveu o Huvezym neXo, um complexo enzimático de nova geração composto por xilana-se, glucanase e xiloglucanase.

A combinação dessas enzimas é capaz de quebrar estruturas fibrosas complexas, liberando energia do milho e melhorando o aproveitamento do nitrogênio proveniente do farelo de soja. Como resultado, os animais utilizam a proteína de forma mais eficiente e excretam menos nitrogênio no ambiente.

O Huvezym neXo também ajuda os produtores a extrair mais valor de coprodutos, como o DDGS. Ao melhorar a digestibilidade da proteína, permite níveis maiores de inclusão sem comprometer o desempenho dos animais.

Experiências na Europa já demonstraram que ingredientes alternativos ricos em fibras, como farelo de girassol e farelo de trigo, podem ser utilizados em níveis mais elevados graças à redução dos efeitos antinutricionais da fibra.

Ao melhorar a degradação das fibras, o Huvezym neXo favorece o uso mais eficiente das matérias-primas disponíveis, amplia a utilização de coprodutos, fortalece a economia circular na produção animal e contribui para uma pecuária mais sustentável. ■



VIDARA APOSTA EM GESTÃO HÍDRICA PARA FORTALECER SUSTENTABILIDADE NA OPERAÇÃO

CASE INSCRITO NO TROFÉU CURUCA MOSTRA COMO ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE EFLUENTE, REAPROVEITAMENTO DA ÁGUA TRATADA, ENERGIA SOLAR E INDICADORES ESG PASSARAM A INTEGRAR A ESTRATÉGIA DA EMPRESA PARA **REDUZIR IMPACTOS E AMPLIAR EFICIÊNCIA**

KEVIN NASCIMENTO

kevin@dc7comunica.com.br

Na Vidara, a sustentabilidade é tratada como parte da estratégia do negócio. Alinhada aos valores do Grupo Ravago, a empresa passou a integrar a gestão responsável dos recursos naturais à continuidade das operações, à competitividade e à geração de valor no longo prazo. Essa visão orientou o desenvolvimento do case inscrito no Troféu Curuca, na categoria Corporações e Sustentabilidade, com foco na implantação de uma estação de tratamento de efluente industrial.

Realizado em 2026, o projeto é apontado pela empresa como uma das ações sustentáveis de maior impacto interno. A iniciativa permitiu o tratamento adequado de efluentes, o reaproveitamento da água e a redução do impacto ambiental da operação. Segundo Marina Bonatelli de Lima, gerente de Assuntos Regulatórios e Qualidade da Vidara, o investimento reflete a forma como a empresa entende a sustentabilidade dentro do negócio. “Na Vidara, a sustentabilidade é um pilar estratégico do ne-

gocio, alinhado aos valores do Grupo Ravago. Mais do que uma tendência, entendemos que a gestão responsável dos recursos naturais é essencial para garantir a continuidade das operações, a competitividade e a geração de valor no longo prazo”, afirma.

Para Marina, a estação de tratamento materializa esse compromisso na prática. “A implantação da estação de tratamento, realizada em 2026, foi a ação que mais gerou orgulho. O projeto materializa nosso compromisso com a sustentabilidade, garantindo o tratamento adequado de efluentes e promovendo o reaproveitamento da água, com redução significativa do impacto ambiental”, destaca.

O case apresentado pela Vidara foi desenvolvido a partir de uma reflexão estratégica sobre como expandir reduzindo impactos. A gestão hídrica foi identificada como uma oportunidade relevante para tornar a operação mais eficiente e responsável. A partir disso, a empresa estruturou a implantação da estação de tratamento de efluente industrial com foco no

uso consciente e eficiente dos recursos. “A iniciativa surgiu de uma reflexão estratégica sobre como expandir reduzindo impactos, identificando na gestão hídrica uma oportunidade relevante. Assim, estruturamos o projeto de implantação da estação de tratamento de efluente com foco no uso consciente e eficiente”, explica Marina.

O desenvolvimento envolveu as áreas de Qualidade, Regulatório e Meio Ambiente, com o objetivo de construir uma solução robusta, segura e alinhada às exigências legais. Com a implantação do sistema, a empresa passou a tratar internamente uma água anteriormente considerada imprópria para descarte em rede de esgoto comum. Dessa forma, eliminou a necessidade de transporte e tratamento por terceiros, reduzindo custos operacionais e riscos ambientais.

Além do tratamento interno, a água passou a ser reaproveitada na irrigação das áreas verdes da unidade. A medida contribuiu para o uso racional dos recursos e para a preservação hídrica. “Internamente,

houve fortalecimento da cultura de sustentabilidade e maior conscientização das equipes. Externamente, contribuímos para a preservação dos recursos hídricos locais. O projeto se consolidou como um marco, demonstrando que a sustentabilidade pode ser integrada de forma prática à operação”, afirma Marina.

Na avaliação da empresa, crescimento econômico e responsabilidade ambiental são objetivos complementares. A estação de tratamento de efluente exemplifica esse equilíbrio ao garantir conformidade ambiental, internalizar o tratamento de efluentes, eliminar custos com transporte e terceiros e viabilizar o reaproveitamento da água para irrigação, reduzindo o consumo de água potável.

Além da estação de tratamento, a Vidara ampliou o monitoramento do consumo hídrico e o compartilhamento dos dados com a operação. Gabriel Caro de Souza, analista de Qualidade da Vidara, destaca que o acompanhamento dos indicadores fortalece o controle e o engajamento das equipes. “Também ampliamos o monitoramento do consumo hídrico e o compartilhamento dos dados com a operação, fortalecendo o controle e o engajamento das equipes. Assim, alinhados ao Grupo Ravago e aos princípios ESG, crescemos de forma estruturada e sustentável”, afirma.

Para Gabriel, a sustentabilidade também fortaleceu a marca da empresa ao consolidar uma imagem associada à responsabilidade, eficiência e transparência. Projetos como o reuso de água reduziram impactos e custos, além de evidenciar capacidade de inovação. “A sustentabilidade consolidou a empresa como responsável, eficiente e transparente. Projetos como o reuso de água reduziram impactos e custos, além de evidenciar capacidade de inovação. O engajamento das equipes fortaleceu a cultura interna e diferenciou a empresa no mercado, reforçando a reputação junto a clientes e parceiros, alinhados às práticas ESG”, diz Gabriel.

No planejamento estratégico, a sustentabilidade orienta decisões desde a concepção até a operação e é considerada critério na priorização de investimentos. A estação de

tratamento foi planejada para reduzir o consumo de recursos e os impactos ambientais. A adoção de indicadores, como o monitoramento da água, também passou a gerar ganhos ambientais, econômicos e culturais.

Entre as metas ambientais e sociais para os próximos anos, a empresa definiu objetivos alinhados ao crescimento sustentável. No eixo ambiental, pretende manter a redução do consumo de água e energia e aprimorar a gestão de resíduos, com maior uso de indicadores. No eixo social, busca fortalecer o engajamento dos colaboradores, promover o uso consciente de recursos e manter um ambiente seguro e colaborativo, ampliando o impacto positivo nas comunidades.

A liderança acompanha esse processo de forma ativa, utilizando dados para tomada de decisão. Os indicadores são monitorados periodicamente e, no caso da água, o acompanhamento permitiu avaliar resultados e incentivar o uso consciente. “A liderança atua de forma ativa, utilizando dados para tomada de decisão. Os indicadores são acompanhados periodicamente. No caso da água, o monitoramento permitiu avaliar resultados e incentivar o uso consciente, fortalecendo a cultura sustentável”, afirma Gabriel.

Entre os resultados concretos já alcançados, a Vidara destaca a estação de tratamento de efluentes e as placas solares. Na gestão hídrica, a empresa passou a tratar internamen-

te o efluente industrial antes impróprio para descarte no esgoto comum, eliminando custos com transporte e tratamento externo, além de viabilizar o reaproveitamento da água para irrigação e reduzir o consumo de água potável. Na energia, as placas solares reduziram a dependência de fontes tradicionais, diminuindo a pegada de carbono e os custos.

O impacto social e ambiental é medido por indicadores ambientais, sociais e de governança, conhecidos pela sigla ESG, incluindo consumo e reaproveitamento de água, energia renovável e gestão de resíduos. Também são avaliados o engajamento dos colaboradores, com resultados acompanhados pela liderança para garantir evolução contínua. Ainda assim, o processo exigiu adaptação interna. Segundo Gabriel, o principal desafio foi integrar a sustentabilidade à operação e à cultura da empresa, garantindo engajamento e mudança de comportamento. “Além dos investimentos, foi necessário estruturar indicadores e promover conscientização, consolidando uma gestão mais eficiente”, destaca Gabriel. Para a empresa, mais do que projetos pontuais, a sustentabilidade precisa ser incorporada à cultura organizacional. “Nossa experiência mostra que é possível crescer com responsabilidade, gerando eficiência e inovação. O importante é começar com consistência e propósito”, conclui Gabriel. ■

Gabriel Caro de Souza,
analista de
Qualidade da
Vidara

Marina Bonatelli de Lima, gerente
de Assuntos
Regulatórios e
Qualidade da
Vidara



ADELAIDE BRITTO UNE TECNOLOGIA E IMPACTO SOCIAL NA PECUÁRIA MARANHENSE

COM USO DA INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL EM TEMPO FIXO, GESTÃO DE DADOS E VISÃO DE LONGO PRAZO, EMPRESÁRIA CONDUZ A **FAZENDA CAMPO NOVO** COM FOCO EM EFICIÊNCIA PRODUTIVA, LIDERANÇA FEMININA E RESPONSABILIDADE COM A COMUNIDADE

KEVIN NASCIMENTO
kevin@dc7comunica.com.br



Na pecuária, eficiência e transformação social podem caminhar juntas quando a gestão produtiva é acompanhada por planejamento, tecnologia e atenção às pessoas. É a partir dessa visão que Adelaide Brito, empresária e gestora da Fazenda Campo Novo, no Maranhão, conduz o trabalho da propriedade, com foco em previsibilidade, qualidade do rebanho e impacto positivo na comunidade ao redor da operação.

Entre as ferramentas utilizadas na fazenda está a Inseminação Artificial em Tempo Fixo, a IATF, tecnologia que contribui para organizar o planejamento reprodutivo, padronizar o rebanho e melhorar o acompanhamento dos ciclos produtivos. Para Adelaide, em um cenário de custos operacionais elevados, a busca por eficiência deixou de ser apenas uma vantagem competitiva. “A IATF trouxe mais previsibilidade para a operação da fazenda, principalmente em relação ao planejamento reprodutivo e à padronização do rebanho. Em um cenário em que os custos operacionais estão cada vez mais altos, trabalhar com eficiência passou a ser uma necessidade estratégica”, afirma.

Na Fazenda Campo Novo, a tecnologia também aparece em outras etapas do manejo. A propriedade utiliza ressonância dos animais, diagnóstico super precoce por meio do Color Doppler, software de gestão e controle zootécnico de dados, além de identificação individual dos animais por bottons. Segundo Adelaide, essas ferramentas ajudam a tornar as decisões mais rápidas e assertivas. “Usamos tecnologias e estratégias de manejo que nos ajudam a trazer mais eficiência, previsibilidade e qualidade para o rebanho”, explica. “Todo o manejo é conduzido com protocolos estratégicos, desenvolvidos de acordo com a necessidade de cada animal e de cada etapa da operação.”

A gestora também avalia de forma positiva o crescimento da presença feminina no agro. Embora reco-



“A IATF TROUXE MAIS PREVISIBILIDADE PARA A OPERAÇÃO DA FAZENDA, PRINCIPALMENTE EM RELAÇÃO AO PLANEJAMENTO REPRODUTIVO E À PADRONIZAÇÃO DO REBANHO”

ADELAIDE BRITTO, EMPRESÁRIA E GESTORA DA FAZENDA CAMPO NOVO

neça que o setor ainda seja predominantemente masculino, ela destaca que as mulheres têm ocupado posições cada vez mais relevantes no campo, na gestão e na liderança das operações. “As mulheres estão ocupando espaços cada vez mais relevantes dentro do agronegócio, não apenas na comunicação ou na gestão administrativa, mas também na tomada de decisões estratégicas, no campo e na liderança das operações”, avalia.

Além da eficiência produtiva, Adelaide defende que uma empresa rural deve compreender seu papel no desenvolvimento social das comunida-

des onde atua. Para ela, o crescimento econômico gera impacto duradouro quando está ligado à gestão responsável, à geração de empregos e à criação de oportunidades. “Quando um negócio cresce de forma estruturada, ele também movimenta a economia local, gera oportunidades, desenvolve pessoas e impacta diretamente a comunidade ao redor”, afirma.

Na visão da empresária, o diferencial da Fazenda Campo Novo está em enxergar as pessoas como parte fundamental do crescimento da operação. Essa leitura orienta uma gestão que busca equilibrar competitividade, responsabilidade e visão de futuro. “Um líder que realmente deseja transformar realidades precisa entender que impacto social não se constrói apenas no discurso, mas principalmente no exemplo, na constância e nas decisões tomadas no dia a dia”, destaca.

Para Adelaide, crescer sem considerar as pessoas compromete a continuidade do negócio. “O agro exige competitividade, mas também exige visão de futuro. Crescer sem olhar para as pessoas e, conseqüentemente, para o impacto social acaba sendo um crescimento sem continuidade”, conclui. ■

REINSERÇÃO DE PRODUTORES FORTALECE A SUSTENTABILIDADE E A COMPETITIVIDADE DA PECUÁRIA BRASILEIRA

ANA DORALINA

A pecuária brasileira ocupa posição estratégica na produção mundial de alimentos. Detentora do maior rebanho comercial bovino do planeta e líder nas exportações de carne bovina, a atividade tem papel relevante na geração de renda, empregos e desenvolvimento em diferentes regiões do País. Ao mesmo tempo, enfrenta desafios crescentes relacionados à regularização ambiental, à rastreabilidade e ao atendimento de critérios socioambientais cada vez mais valorizados pelos mercados consumidores.

Nesse contexto, um tema que merece atenção especial é a reinserção de produtores na cadeia formal da carne bovina. Trata-se de uma agenda que vai além do retorno aos fluxos comerciais. Envolve a construção de condições para que pecuaristas tenham acesso a instrumentos de adequação, assistência técnica, crédito e mecanismos capazes de promover maior transparência ao sistema produtivo.

Muitos produtores acabam afastados dos mercados formais por dificuldades para atender às exigências atuais, especialmente em localidades onde o acesso à informação e ao suporte técnico ainda é limitado. Quando isso acontece, os impactos ultrapassam os limites das propriedades rurais. A exclusão compromete oportunidades de inclusão produtiva, restringe o acesso ao conhecimento e dificulta a ampliação de práticas alinhadas às expectativas da sociedade e dos compradores.

Por outro lado, criar caminhos para a requalificação desses pecuaristas gera benefícios para toda a cadeia. Ao apoiar processos de regularização am-

biental e adequação socioambiental, ampliam-se as possibilidades de participação em mercados mais exigentes, ao mesmo tempo em que se fortalece a conformidade da produção nacional.

Nos últimos anos, surgiram iniciativas importantes voltadas ao monitoramento socioambiental, à assistência técnica, à regularização de propriedades e à oferta de linhas de financiamento para adequação produtiva. Esses avanços demonstram que existem soluções viáveis para promover a re-integração de fornecedores aos mercados formais. O desafio, agora, é ampliar a escala dessas ações para acompanhar a dimensão da pecuária brasileira.

Para isso, será fundamental fortalecer a cooperação entre empresas, instituições financeiras, governos, organizações da sociedade civil e representantes do setor. Também é necessário consolidar critérios claros para os processos de requalificação, ampliar a segurança jurídica e desenvolver instrumentos que ofereçam maior previsibilidade aos produtores.

A adoção de ferramentas de monitoramento e rastreabilidade, combinada à ampliação da assistência técnica e ao acesso a crédito compatível com as necessidades do campo, pode acelerar esse movimento. Da mesma forma, mecanismos que reconheçam os avanços realizados pelos pecuaristas contribuem para estimular a adesão e a permanência em práticas cada vez mais responsáveis.

A reinserção de produtores deve ser encarada como uma agenda estratégica para o futuro da pecuária brasileira. Quanto maior for a capacidade de incluir, orientar e apoiar es-

ses profissionais, mais preparada estará a cadeia para responder aos desafios globais relacionados à produção de alimentos, às mudanças climáticas e às exigências dos consumidores.

Ao conciliar produtividade, regularização ambiental, desenvolvimento social e transparência, o setor fortalece sua competitividade e amplia sua capacidade de gerar valor. Mais do que recuperar fornecedores, a reinserção representa uma oportunidade de construir uma pecuária mais robusta, sustentável e preparada para o futuro. ■

PARA MAIS
INFORMAÇÕES
SOBRE A MESA
BRASILEIRA
DA PECUÁRIA
SUSTENTÁVEL,
ACESSE NOSSO
PORTAL



Ana Doralina, presidente da Mesa Brasileira da Pecuária Sustentável



PROGRAMA SANEX

Aprimorando a Biosseguridade em Sistemas de Produção Avícola



O **Programa Sanex** para redução da pressão de infecção é uma iniciativa estruturada, desenvolvida para fortalecer a biosseguridade em granjas avícolas. Seu foco está na adoção de práticas padronizadas de limpeza e desinfecção, incluindo a limpeza a seco, com o objetivo de reduzir a carga de patógenos ambientais e a pressão geral de infecção sobre os animais.

O programa é baseado em três pilares complementares: sanitização da água, saúde gastrointestinal e manejo ambiental. Por meio de processos padronizados e de um forte foco em eficiência, o **Programa Sanex** oferece uma solução segura e consistente para melhorar a saúde animal e o desempenho nos sistemas de produção

Conheça os produtos do Programa Sanex:

Acidificante Solúvel Sanex

O **Acidificante Solúvel Sanex** foi a primeira mistura de ácidos orgânicos solúveis e não tamponados introduzida no mercado brasileiro. É uma ferramenta eficaz como alternativa a antibióticos e agentes quimioterápicos em casos de diarreia não específica. O produto oferece praticidade e segurança na aplicação, reduz a necessidade de espaço para armazenamento, permite transporte seguro e possui período de carência zero. Sua eficácia foi comprovada em programas integrados de controle de *Salmonella spp.*, podendo ser utilizado em todas as fases da produção.

NeoAcid

Produzido por meio de um processo industrial exclusivo, no qual ácidos orgânicos puros e não tamponados são protegidos e incorporados a uma matriz funcional e específica de triglicerídeos de cadeia média, o **NeoAcid** garante a liberação dos compostos ativos em diferentes segmentos do trato gastrointestinal. Apresenta eficácia comprovada como alternativa aos promotores de crescimento antibióticos, não possui restrições para exportação, tem período de carência zero, excelente retorno sobre o investimento e eficácia demonstrada em programas integrados de controle de *Salmonella spp.*

Diatex

Diatex é um condicionador ambiental natural e não tóxico para cama aviária e instalações. Proporciona redução eficaz da umidade, controle da volatilização de amônia, redução da atividade de água e controle natural de insetos, contribuindo para a melhoria da qualidade ambiental e do bem-estar animal.



sanex.com.br

R. José Mendes Sobrinho, 420
CIC - Curitiba - Paraná
+55 41 3249-1874

Siga a Sanex:



NOVOS PADRÕES DE SEGURANÇA

IMPACTOS DIRETOS DA **INFLUENZA AVIÁRIA** NA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS AVÍCOLAS IMPÕE NOVOS PADRÕES DE SEGURANÇA. ENTENDA OS PROCESSOS DE BIOSSEGURIDADE EM MATRIZES PESADAS NESTE CONTEXTO

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

A biosseguridade é um sistema estratégico, contínuo e rigorosamente aplicado de medidas preventivas destinadas a impedir a entrada e disseminação de agentes patogênicos nos plantéis, garantindo a saúde animal, a segurança alimentar e a viabilidade econômica da produção.

Quem explica este tema são os consultores técnicos da Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia Animal (FACTA), Dino Garcez e Luciano Keske.

Eles apontam que esse sistema se sustenta em três pilares básicos, prevenção de entrada de agentes, com controle de acesso de pessoas, veículos e fômites; controle da disseminação, com o sistema *all in all out*, manejo adequado, higienização constante e fluxo unidirecional de trabalho de acordo com a idade do lote e programas sanitários, com limpeza e desinfecção, vacinação, vigilância sanitária e rastreabilidade.

Para que seja efetiva é necessá-

rio que haja uma cultura operacional que exige padronização de processos, conscientização e disciplina. “Quando bem aplicada, além de reduzir o risco de entrada de doenças, melhora o desempenho produtivo e fortalece a sustentabilidade do negócio”, destaca Dino Garcez.

Ele destaca que, recentemente, a Influenza Aviária de Alta Patogenicidade (IAAP), que é uma doença de notificação obrigatória, deixou de ser um risco pontual na América Latina e passou a representar um risco iminente, com impactos diretos na produção e comercialização dos produtos avícolas principalmente no mercado externo.

SITUAÇÃO ATUAL DA IAAP. Desde 2022, a América Latina e o Caribe já registraram milhares de surtos (cerca de 2,5 mil), afetando aves silvestres, de subsistência e comerciais. Entre 2025 e início de 2026, o vírus foi detectado em 94 espécies de aves em 11 países/territórios das Américas, expli-

ca Dino Garcez. “Vale ressaltar que, na América do Sul, houve uma mudança de padrão epidemiológico do vírus, com aumento da incidência em aves de subsistência o que indica que o mesmo está presente de maneira fixa e sua disseminação já não depende exclusivamente de rotas migratórias de aves silvestres”, diz.

Dados do primeiro trimestre de 2026, demonstram uma circulação ativa em vários países da região como por exemplo na Argentina onde foram detectados três focos em matrizes pesadas, fato inesperado visto que, de uma maneira geral, as medidas de biosseguridade são mais rígidas neste tipo de exploração.

Já no caso do Brasil, embora a maioria dos casos ocorreram em aves silvestres, há diversos registros em aves de subsistência e um caso também em matrizes pesadas que foi reportado (foco encerrado) em maio do ano passado. Assim, esses novos focos aumentaram o alerta de risco para toda a região.

Para reduzir o risco de infecção por IAAP em matrizes pesadas, os pontos críticos não são apenas “boas práticas genéricas” — eles formam um sistema de barreiras interdependentes. Se uma falha, o sistema inteiro fica vulnerável, **de maneira similar a uma corrente e seus elos** os quais podem ser classificados em estruturais e de procedimentos operacionais.

“A biossegurança em matrizes pesadas, no contexto da IAAP, é um requisito essencial para a sustentabilidade da atividade. Neste novo cenário, fica claro que não estamos mais lidando com eventos isolados, mas com um risco iminente e dinâmico, sustentado principalmente pela *interface* entre aves silvestres, de subsistência e produção comercial. Isso muda completamente a lógica: não se trata mais de “evitar um surto eventual”, destacou Keske. Porém, segundo ele, de operar continuamente sob alto risco sanitário.

“Assim, os pontos críticos estruturais e operacionais convergem para uma mesma ideia central: a de que a biossegurança só funciona quando aplicada de forma consistente e integrada. Estruturas adequadas criam o ambiente de proteção, mas são os procedimentos que garantem a proteção efetiva. Na prática, a maioria das falhas não estão relacionadas à falta de estrutura ou tecnologia, mas em quebras de rotina, excesso de confiança e/ou relaxamento de protocolos. Por fim, a biossegurança deve ser continuamente vista ou revisita

como um sistema de gestão de riscos e não como um conjunto de medidas isoladas”, finalizou. ■

Luciano Keske
e **Dino Garcez**, consultores técnicos da Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia Animal (FACTA)

COMO UMA CORRENTE

Se há uma falha em algum elo, seja ele estrutural ou de procedimentos operacionais, o sistema inteiro fica vulnerável



COMPONENTES DA BIOSSEGURIDADE

Luciano Keske destacou os principais componentes estruturais para um eficiente processo de Biossegurança



Localização e isolamento da granja

Ausência de fontes de água (açudes e mananciais) que possam abrigar animais silvestres nas proximidades da granja.



Infraestrutura dos galpões

Corredores “sanitários” interligando os galpões do núcleo evitam o contato com a área externa dos aviários (foto abaixo).



Sistemas de distribuição de água e ração protegidos

Impede o acesso de aves, roedores e outros animais que são potenciais fontes de infecção.



Separação por zonas

Existência de estrada “suja” para descarte de aves mortas e cama aviária.



PRINCIPAIS PROCEDIMENTOS

1

Treinamento das equipes

Visa a capacitação de novos funcionários bem como reciclagem do conhecimento.

2

Controle do fluxo de veículos

Veículos equipados com GPS (*Global Positioning System*) fornecem a sua localização exata o que favorece a rápida comunicação e aplicação de medidas de controle em casos de surtos de doenças.

3

Controle de acesso de pessoas

Vazio sanitário mínimo de 72 h, banho supervisionado, troca de roupas e calçados. Além disso, atualmente já estão disponíveis comercialmente sistemas de monitoramento em tempo real (ex. bota equipada com chip eletrônico).



COMEDOURO CALHA COM CINTA TRANSPORTADORA

O comedouro de calha com cinta transportadora para machos foi desenvolvido para proporcionar uma distribuição uniforme e precisa da ração, reduzindo o estresse e a competição entre as aves, favorecendo um desempenho superior do lote.

Com sistema de arrazoamento programado e configuração adaptável às diferentes necessidades de produção, oferece alta eficiência operacional, otimiza o consumo de ração e contribui para a redução dos custos de manejo.

Plasson. Tecnologia que impulsiona resultados.





 **PLASSON**®
Livestock



INFLUENZA SUÍNA: POR QUE COMPREENDER A DIVERSIDADE VIRAL É ESSENCIAL PARA UMA PROTEÇÃO MAIS EFICAZ

A Influenza A é um dos principais desafios sanitários da suinocultura moderna. Além dos impactos diretos sobre o desempenho zootécnico, a doença favorece infecções secundárias, aumenta custos produtivos e compromete a eficiência dos sistemas de produção.

Um dos maiores desafios no controle da influenza suína é a elevada variabilidade genética e antigênica do vírus. A constante evolução viral, associada aos processos de mutação e rearranjo genético, resulta no surgimento de variantes que podem apresentar diferenças significativas em relação às cepas previamente circulantes. Como consequência, a proteção conferida por uma vacina depende diretamente da compatibilidade entre as cepas vacinais e os vírus presentes no campo.

Nesse cenário, o monitoramento epidemiológico contínuo torna-se uma ferramenta estratégica. O sequenciamento genético permite identificar quais variantes estão circulando nos plantéis, acompanhar sua evolução ao longo do tempo e compreen-

der a dinâmica da doença em diferentes regiões e sistemas produtivos. No entanto, a avaliação da antigenicidade assume papel fundamental na tomada de decisão. Testes capazes de analisar a relação antigênica entre cepas permitem compreender o potencial de imunidade cruzada e selecionar, com maior precisão, os vírus mais relevantes para compor uma estratégia vacinal efetiva.

A integração entre vigilância epidemiológica, sequenciamento genético e análise de antigenicidade representa um avanço importante na prevenção da influenza suína. Essas ferramentas permitem uma compreensão mais profunda do desafio sanitário enfrentado por cada sistema de produção, possibilitando decisões mais assertivas e alinhadas à realidade de campo.

Nesse contexto, as vacinas autógenas se destacam por oferecer uma abordagem personalizada. A construção de uma vacina efetiva vai além da simples identificação dos vírus circulantes. É fundamental compreender como essas ce-

pas se comportam do ponto de vista antigênico e qual o potencial de proteção cruzada entre elas.

Com a avaliação antigênica, realizado de forma estruturada e baseada em evidências, aumentamos a assertividade da composição vacinal, garantindo que os antígenos selecionados representem de forma mais fiel os desafios presentes no campo. Como resultado, obtém-se uma estratégia de proteção personalizada, dinâmica e passível de atualização sempre que alterações relevantes no perfil epidemiológico forem identificadas.

Pensando nos desafios impostos pela constante evolução do vírus da Influenza A em suínos, a Vaxxino desenvolveu uma vacina autógena que combina tecnologias avançadas de monitoramento epidemiológico, sequenciamento genético e análise de antigenicidade para a seleção precisa das cepas vacinais apoiando os suinocultores na construção de programas de prevenção mais eficazes e alinhados aos desafios reais da suinocultura moderna. ■

Vacinas autógenas Vaxxinova

A Vaxxinova combina **diagnóstico, vigilância epidemiológica e tecnologia** para desenvolver vacinas autógenas alinhadas aos desafios de campo. Por meio de um exclusivo teste de antigenicidade, seleciona as cepas mais relevantes para compor cada vacina.

Com expertise global e agilidade operacional, entrega **soluções personalizadas que potencializam** a proteção dos plantéis suínos e os resultados produtivos.



Um lançamento que vai
conectar diagnóstico,
epidemiologia e proteção
como nunca antes.

CONVITE PARA O LANÇAMENTO NO 18º SBSS

Venha conhecer a mais nova e tecnológica solução
para o **controle estratégico da influenza suína**.

Participe do evento
da Vaxxinova:

12 de agosto | 12h30
Sala Agostinho Duarte
Chapecó/SC

vaxxinova

 vaxxinovabr_suinocultura





TOPIGS NORSVIN LANÇA PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO PARA LÍDERES DA SUINOCULTURA

PROJETO FOCA NO DESENVOLVIMENTO HUMANO DE DECISORES PARA **MELHORAR RESULTADOS PRÁTICOS DE CAMPO** E GARANTIR A SUSTENTABILIDADE DOS NEGÓCIOS

GIOVANA DE PAULA
giovana@dc7comunica.com.br

A tecnologia avança em ritmo acelerado na suinocultura, mas o principal desafio das propriedades e cooperativas continua focado na gestão de pessoas. Liderar equipes, alinhar a capacidade humana às inovações e gerenciar conflitos tornaram-se os maiores obstáculos para o crescimento sustentável no campo.

Para solucionar esse gargalo e preparar os profissionais para lidar com pessoas, a Topigs Norsvin lança o Programa de Capacitação e Liderança de clientes. A ação educacional foca na capacitação de decisores das cooperativas parceiras localizadas na região Oeste.

ESTRUTURA DINÂMICA E FOCO PRÁTICO. O programa tem duração prevista de dois anos e conta com encontros presenciais realizados a cada dois meses.

A metodologia envolve professores experientes com forte vivência em gestão e consultoria e o formato de ensino exige a participação ativa do aluno em três etapas de aprendizado contínuo.

A primeira etapa envolve o preparo conceitual com o envio de materiais de leitura prévia para embasar as discussões. A segunda fase é o módulo presencial de um dia inteiro focado na interação entre os participantes e na aplicação de atividades práticas. O conteúdo abrange temas estruturais como cultura organizacional, gestão de conflitos, negociação e administração estratégica.

A terceira etapa é o encontro pós-módulo. A empresa volta a se reunir de forma online quinze dias após a aula presencial. Esse intervalo dá tempo para o profissional sair, refletir sobre o que viu, colocar as ações em práti-

ca na rotina de trabalho e trazer o feedback para o grupo. O grupo da primeira turma reúne profissionais que gerenciam grandes equipes, compostas frequentemente por dezenas de médicos-veterinários de campo.

VISÃO DE FUTURO E PARCERIA ESTRATÉGICA. O foco em desenvolver as habilidades comportamentais e técnicas das lideranças reflete o posicionamento de mercado da companhia. A estratégia corporativa visa preservar e fortalecer a cultura nas empresas para agregar valor ao desenvolvimento organizacional. o Adauto Cannedo, diretor de Negócios e Marketing da Topigs Norsvin aponta que assegurar o presente e construir o futuro de forma perene exige líderes preparados e o nosso papel vai muito além de fornecer a melhor genética suína ►

O casamento perfeito para uma **genética suína insuperável**



TN70

- Reconhecida como a **melhor matriz do mundo**
- Alta produtividade
- Baixo custo de produção



TN DUROC

- A **melhor conversão alimentar** do mercado
- Máxima rentabilidade
- Carne de **qualidade superior**

 [topignorsvinbrasiloficial](#)

 [Topigs Norsvin Brasil](#)

 [Topigs Norsvin Brasil](#)



Surpreenda-se com
nossos melhoramentos
genéticos.



do mercado. “Nós assumimos a responsabilidade de investir no capital humano dos nossos clientes, pois são essas lideranças que garantem o sucesso das operações diárias e a rentabilidade do negócio”, afirma A iniciativa consolida a cultura de proximidade da empresa com os produtores na busca por excelência produtiva e operacional. “O projeto ressalta o nosso compromisso de ouvir as demandas reais e construir as soluções junto com os parceiros. Ao promovermos o desenvolvimento das pessoas, nós fortalecemos toda a cadeia da suinocultura para atingirmos resultados cada vez melhores no campo”, afirma Canedo.

Ele explica que o programa surgiu muito da proximidade da Topigs Norsvin com os clientes do Oeste e Leste do Paraná. “Nós ouvimos esses parceiros e percebemos que, de forma praticamente unânime, existia uma necessidade muito forte ligada à gestão de pessoas e ao desenvolvimento de lideranças. A tecnologia na suinocultura evoluiu muito, mas os desafios humanos continuavam sendo centrais dentro das operações. Então decidimos levar para os nossos parceiros uma estrutura de capacitação que já aplicamos internamente na Topigs Norsvin”, aponta.

Segundo ele, o grande diferencial é que a empresa não foca apenas na par-

te técnica. “O programa trabalha muito o lado humano da liderança, algo extremamente necessário hoje dentro do agro. Nosso objetivo é desenvolver líderes mais preparados para lidar com equipes, conflitos, tomada de decisão

e gestão estratégica, sempre conectando isso à realidade prática do campo”, afirma. “Hoje os líderes enfrentam muitos desafios ligados à gestão de pessoas,

alinhamento das equipes, adaptação às mudanças e administração de cenários cada vez mais complexos. Pensando nisso, estruturamos um conteúdo muito prático, com troca de experiências, aplicação no dia a dia e temas diretamente ligados à rotina das cooperativas e das operações do campo”, destaca.

CLIMA, CUSTOS E MERCADO E O IMPACTO NA GESTÃO. De acordo com Adauto Canedo, todos os fatores acima aumentam muito a pressão sobre os líderes. “Oscilações de mercado, custos de produção e questões climáticas exigem decisões rápidas e estratégicas. Hoje não basta apenas ter conhecimento técnico da produção. A gestão eficiente das pessoas e dos processos se tornou fundamental para manter a sustentabilidade e a rentabilidade das operações”, explica.

Canedo aponta que a liderança influencia diretamente o engajamento das equipes, a eficiência operacional e

“O PROGRAMA FOI DESENVOLVIDO COM FOCO NOS DECISORES E LIDERANÇAS DOS PARCEIROS. HOJE TEMOS PARTICIPANTES QUE GERENCIAM GRANDES EQUIPES, MUITAS VEZES COMPOSTAS POR DEZENAS DE PROFISSIONAIS DE CAMPO, COMO MÉDICOS-VETERINÁRIOS E COORDENADORES TÉCNICOS. SÃO PESSOAS QUE TÊM UM PAPEL ESTRATÉGICO DENTRO DAS OPERAÇÕES”

ADAUTO CANEDO, DIRETOR DE NEGÓCIOS E MARKETING DA TOPIGS NORSVIN

os resultados da cooperativa. “Quando temos líderes preparados, conseguimos desenvolver ambientes mais organizados, produtivos e alinhados. E o equilíbrio entre tradição e inovação acontece justamente quando preservamos os valores do cooperativismo, mas ao mesmo tempo abrimos espaço para novas tecnologias, novas formas de gestão e desenvolvimento das pessoas”, destaca. “Quando fortalecemos as lideranças, fortalecemos toda a cadeia produtiva. Isso impacta diretamente a sustentabilidade dos negócios, o desenvolvimento das equipes e o crescimento das comunidades rurais como um todo. Lideranças mais preparadas ajudam a construir operações mais eficientes e ambientes mais saudáveis para todos”, conclui. ■





Big Dutchman®

**ATUANDO PARA GERAÇÕES FUTURAS COM
SOLUÇÕES INOVADORAS, INTELIGENTES E
SUSTENTÁVEIS QUE MOVEM O MUNDO.**



INOVAR PARA ALIMENTAR O MUNDO

A TRAJETÓRIA DA BIG DUTCHMAN MOSTRA COMO TECNOLOGIA, VISÃO E CONSISTÊNCIA PODEM TRANSFORMAR NÃO APENAS UMA EMPRESA, MAS TODO UM SETOR

POR BIG DUTCHMAN

Em 1938, em uma pequena cidade de Michigan, nos Estados Unidos, surgia a Big Dutchman. A proposta parecia simples, embora carregasse uma ambição incomum para a época: aplicar tecnologia à produção animal para torná-la mais eficiente, organizada e sustentável. Décadas depois, aquela iniciativa se tornaria um dos nomes mais influentes da avicultura e da suinocultura mundiais.

Hoje, com sede em Vechta, na Alemanha, e presença em mais de 100 países, a Big Dutchman ocupa uma posição de liderança global em equipamentos e soluções para produção animal. Ao longo de quase nove décadas, a empresa cresceu, se internacionalizou e ampliou seu alcance — sem perder o caráter familiar que moldou sua identidade desde a origem.

Com mais de 3.200 colaboradores no mundo, sua atuação está organizada em três grandes unidades

de negócio — Avicultura para Frango de Corte e Matrizes, Postura Comercial e Suínos. Em comum, elas compartilham a mesma lógica: desenvolver soluções integradas que conectam engenharia, automação e inteligência de dados para responder aos desafios reais do produtor.

ORIGEM. A história da Big Dutchman é, em muitos aspectos, a história da modernização da produção animal. Desde cedo, a empresa compreendeu que o futuro do setor passaria pela capacidade de produzir com mais precisão, previsibilidade e escala.

Foi essa visão que levou ao desenvolvimento de algumas das soluções mais emblemáticas de sua trajetória. Nas décadas de 1950 e 1960, a empresa revolucionou a avicultura com o sistema de alimentação por corrente, uma inovação que automatizou o fornecimento de ração em larga escala e redefiniu os padrões de eficiência no campo.

Mais tarde, o mesmo impulso inovador alcançaria a suinocultura, com o desenvolvimento do sistema pioneiro de alimentação líquida para suínos. Em seguida, a empresa consolidaria sua presença em sistemas cage-free para galinhas poedeiras e ampliaria sua atuação em frentes cada vez mais estratégicas, como bem-estar animal, redução de emissões e sustentabilidade.

PRESENÇA. Ao longo do tempo, a Big Dutchman deixou de ser reconhecida apenas pelos equipamentos que produz e passou a se destacar pela capacidade de entregar sistemas completos. Mais do que componentes isolados, suas soluções integram diferentes etapas da produção em uma lógica contínua de desempenho, controle e eficiência.

No segmento de Avicultura frango de corte e matrizes, essa abordagem se traduz em um ecossistema que acompanha todas as fases da

criação, da chegada dos pintainhos ao manejo pré-abate. Sistemas automatizados de alimentação e hidratação, aliados a soluções de controle ambiental, ajudam o produtor a operar com maior estabilidade e precisão.

Na Postura Comercial, a empresa construiu uma trajetória fortemente associada ao pioneirismo. Seus sistemas cage-free anteciparam uma transformação que hoje redefine mercados inteiros, impulsionada por novas regulamentações e por uma demanda crescente por bem-estar animal. Ao mesmo tempo, o portfólio contempla soluções complementares para coleta, transporte, alimentação e manejo de dejetos.

Na Suinocultura, a lógica é a mesma: oferecer suporte tecnológico a todas as etapas do ciclo produtivo. Sistemas de alimentação, climatização, manejo reprodutivo e tratamento de resíduos compõem uma operação orientada por eficiência zootécnica e responsabilidade ambiental.

INTELIGÊNCIA. Se a automação marcou parte importante da trajetória da Big Dutchman, a digitalização passou a ocupar um papel central em sua visão de futuro. Com plataformas como BigFarmNet e BFN Fusion, a empresa transformou o monitoramento da granja em uma gestão conectada, analítica e em tempo real.

A partir da integração de sensores, dados operacionais e parâmetros ambientais, o produtor ganha uma visão mais ampla da operação e maior capacidade de resposta. Alertas, relatórios e históricos de desempenho permitem decisões mais rápidas, mais precisas e mais consistentes — mesmo à distância.

Essa convergência entre estrutura física e inteligência de dados traduz uma mudança importante no setor: produzir bem já não depende apenas de bons equipamentos, mas da capacidade de interpretar informações e agir com antecedência.

SUSTENTABILIDADE. A agenda de sustentabilidade ocupa hoje um espaço central na estratégia da Big Dutchman. A empresa investe ativamente em soluções de controle de emissões, eficiência energética e manejo de resíduos que ajudam seus clientes a cumprir regulamentações ambientais cada vez mais rigorosas e a produzir relatórios ESG com dados confiáveis. Para a Big Dutchman, sustentabilidade não é um apêndice do ne-

gócio: é parte integrante da empresa.

“Quando olhamos para a trajetória da Big Dutchman, vemos muito mais do que uma história de quase nove décadas. Vemos um legado construído com visão de longo prazo, solidez de valores e a coragem de evoluir continuamente. Ao longo desses anos, a empresa não apenas acompanhou as transformações do setor, mas teve um papel ativo em impulsioná-las, ajudando a redefinir a produção animal em escala global. Esse é um legado que vai além da inovação tecnológica: é a contribuição concreta para uma produção de proteína animal mais eficiente, conectada e preparada para os desafios e oportunidades do futuro.” Diz Giuliano Olivetti, Diretor Geral Big Dutchman Brasil. ■



RÚSSIA E MÉXICO REFORÇAM ESPAÇO PARA A CARNE BOVINA BRASILEIRA NO MERCADO INTERNACIONAL

AGENDAS NA RÚSSIA E NO MÉXICO REUNIRAM AUTORIDADES, IMPORTADORES E EMPRESAS BRASILEIRAS, GERANDO MAIS DE 180 CONTATOS COMERCIAIS E **EXPECTATIVA SUPERIOR A US\$ 7,1 BILHÕES EM NEGÓCIOS**

A Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC), em parceria com a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil), concluiu recentemente duas importantes missões internacionais de promoção comercial da carne bovina brasileira realizadas entre os dias 27 e 28 de maio, na Cidade do México, e entre os dias 3 e 8 de junho, na Rússia. As iniciativas reforçaram o relacionamento com importadores, autoridades e parceiros estratégicos, ampliando oportunidades para as empresas exportadoras brasileiras em mercados relevantes para o setor.

A agenda na Rússia foi realizada entre os dias 3 e 8 de junho, com atividades em São Petersburgo e Moscou. A missão teve início durante o Fórum Econômico Internacional de São Petersburgo (SPIEF), um dos principais encontros globais voltados ao comércio, investimentos e cooperação econômica. Representando a ABIEC, o presidente Roberto Perosa participou de debates sobre segurança alimentar, comércio internacional e fortalecimento das relações econômicas entre Brasil e Rússia.

A programação seguiu em Moscou com a realização do *Brazilian Beef Connect* e do *Brazilian Beef Dinner*, iniciativas promovidas pela ABIEC e ApexBrasil para aproximar empresas exportadoras brasileiras de importadores, distribuidores, autoridades e representantes do setor produtivo russo.

As ações reuniram importantes autoridades dos dois países, entre elas o embaixador do Brasil na Rússia, Sérgio Rodrigues; o secretário



de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa), Luís Rua; o co-presidente brasileiro do Conselho Empresarial Brasil-Rússia, Pavel Cardoso; e o chefe do escritório da ApexBrasil em Moscou, Almir Américo. Pelo lado russo, participaram o ministro do Desenvolvimento Econômico da Federação Russa, Maxim Reshetnikov; o diretor do Serviço Federal de Supervisão Veterinária e Fitossanitária (Rosselkhoz nadzor), Sergey Dankvert; e o co-presidente do Conselho Empresarial Rússia-Brasil, Andrey Guriev.

Ao longo da missão, foram realizados mais de 100 contatos comerciais com empresas da Rússia, Cazaquistão e Bielorrússia. As empresas participantes reportaram uma estimativa de US\$ 3 milhões em negócios realizados durante o evento e uma expectativa de US\$ 5,09 bilhões em negócios para os próximos 12 meses, resultado das negociações e relacionamentos construídos ao longo da programação.

Para o presidente da ABIEC, Rober-

to Perosa, a missão reforça a relevância da região para a estratégia de diversificação de mercados da carne bovina brasileira. “Brasil e Rússia mantêm uma relação comercial sólida e construída ao longo de décadas. Essas iniciativas permitem fortalecer a confiança entre os parceiros, ampliar o diálogo institucional e criar novas oportunidades para as empresas brasileiras em mercados estratégicos”, destaca.

A missão também foi seguida por um importante avanço sanitário para o Brasil. Em 10 de junho, a Rússia reconheceu oficialmente o país como livre de febre aftosa sem vacinação, reforçando a confiança internacional no sistema brasileiro de defesa agropecuária. A decisão ocorre após a certificação concedida pela Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA), em 2025, e se soma ao reconhecimento anunciado recentemente pela China. A medida fortalece a imagem sanitária da pecuária brasileira e abre espaço para novas oportunidades comerciais entre os dois países. ■



PROBEEF®

O peso da confiança.



Na pecuária, existe uma conta que não aparece na planilha: a da confiança.

Uma conta que aparece, principalmente, na hora de tomar decisões que podem afetar o trabalho de meses, anos e até gerações.

É com o compromisso de trazer mais confiança ao campo que Probef® acaba de evoluir sua marca e seu portfólio.

Probef®. O peso da confiança.

NELORE PODCAST É O MAIS NOVO CANAL DE INFORMAÇÃO DA PECUÁRIA BRASILEIRA

PROJETO DA ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DE NELORE DO BRASIL (ACNB) TEM **ENTREVISTAS SEMANAIS COM CRIADORES, DIRIGENTES E PERSONALIDADES DO AGRONEGÓCIO** NO SPOTIFY E YOUTUBE DA ENTIDADE

A Associação dos Criadores de Nelore do Brasil (ACNB) lançou o Nelore Podcast, canal de comunicação para divulgação de informações, experiências e debates importantes para a raça Nelore e toda a cadeia de produção de carne bovina. Com episódios semanais, traz entrevistas sobre temas que fazem parte do dia a dia da pecuária, reunindo diferentes visões e experiências de criadores, dirigentes, especialistas e profissionais.

Idealizado pelo presidente da ACNB, Victor Paulo Silva Miranda, e apresentado pelo jornalista Altair Albuquerque, do Grupo Texto, o programa dá voz a personagens que contribuem para o desenvolvimento da pecuária e da raça Nelore, abordando iniciativas da entidade, melhoramento genético, produção, qualidade, segurança alimentar, mercado, sustentabilidade, gestão e consumo de carne bovina.

Os primeiros episódios já estão disponíveis em áudio e em vídeo. Na estreia, Victor Miranda compartilhou sua trajetória, projeção para o futuro da raça Nelore, suas prioridades no comando da ACNB e os desafios e oportunidades da raça. No segundo episódio, a conversa foi com o médi-



Victor Paulo Silva Miranda, presidente da ACNB

co e nutrólogo Wilson Rondó Jr., autor do livro “Sinal Verde para a Carne Vermelha: uma nova luz sobre a alimentação saudável” (Editora Gaia, 2011), obra que destaca a importância da proteína bovina para a saúde humana. Já no terceiro episódio, o assessor técnico da ACNB, Gabriel Galvão, falou sobre o Circuito Nelore de Qualidade, explicou como os pecuaristas podem participar da iniciativa e destacou a importância do projeto, considerado o maior campeonato de avaliação de carcaças bovinas do mundo.

“O Nelore Podcast surge para fortalecer a comunicação da entidade e am-

pliar o alcance de temas importantes para a raça Nelore e a pecuária”, ressaltou o presidente Victor Miranda. “A pecuária vive um momento de constante evolução e compartilhar conhecimento é fundamental para o crescimento de toda a cadeia produtiva. Nelore Podcast foi criado para aproximar as pessoas, valorizar histórias e levar informação de qualidade sobre o nosso setor.” ■

Para acompanhar os episódios, acesse:

 **Youtube:** @neloredobrasilacnb

 **Spotify:** busque por “Nelore Podcast”



40MIL LEITORES POR MÊS
DA REVISTA IMPRESSA/DIGITAL

50MIL ACESSOS MENSAIS
AO PORTAL DE NOTÍCIAS

369MIL PROFISSIONAIS
IMPACTADOS MENSALMENTE

1,9MILHÃO VISUALIZAÇÕES POR MÊS
EM NOSSAS REDES SOCIAIS



FEICORTE PROJETA OS RUMOS DA PECUÁRIA DE CORTE E REFORÇA O PAPEL ESTRATÉGICO DO BRASIL NO ABASTECIMENTO GLOBAL DE PROTEÍNA ANIMAL

EVENTO REUNIU ESPECIALISTAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS PARA DISCUTIR **GENÉTICA, SUSTENTABILIDADE, INOVAÇÃO E OS DESAFIOS DA PRODUÇÃO DE CARNE BOVINA** EM UM CENÁRIO DE CRESCENTE DEMANDA MUNDIAL POR ALIMENTOS

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

A busca por sistemas de produção mais eficientes, sustentáveis e alinhados às exigências dos mercados consumidores tem pautado as discussões da pecuária de corte em todo o mundo. Nesse contexto, a Feicorte, Feira Internacional da Cadeia Produtiva da Carne, realizada em Presidente Prudente (SP), em junho, destacou as oportunidades e os desafios que moldarão o futuro da produção de carne bovina no Brasil.

Com o tema “O Boi Brasileiro: Um Mundo de Oportunidades”, a edição de 2026 reuniu ao longo de quatro dias produtores, técnicos, pesquisadores, empresários e lideranças do setor para debater temas considerados estratégicos para a competitividade da atividade. A programação contemplou palestras, painéis técnicos, exposições de animais, feira de negócios e experiências voltadas à valorização da carne bovina produzida no país.

A Presidente da Feicorte, Carla Tuccilio, ressaltou a importância da integração entre os diferentes elos da cadeia produtiva para fortalecer a posição brasileira no mercado internacional. Para a executiva, a transformação da capacidade produtiva brasileira em rentabilidade sustentável dependerá cada vez mais da adoção de

tecnologias capazes de elevar os índices zootécnicos, otimizar recursos e atender às demandas dos consumidores por produtos de qualidade e origem comprovada. “A força produtiva do Brasil, associada à sua diversidade genética e à capacidade de inovação, cria condições únicas para consolidar ainda mais a presença da carne brasileira no mercado global”, destacou.

Em um momento em que a pecuária brasileira buscou cada vez mais inovação, conexão entre os elos da cadeia e acesso a conteúdo técnico de qualidade, a Feicorte foi uma edição marcada por novidades e fortalecimento do setor. O evento reforçou o caráter técnico e estratégico da feira, proporcionando ao público uma imersão em temas centrais para o presente e o futuro da pecuária. “Chegamos ao fim de mais uma edição, com muito sucesso e um conteúdo de excelência. Foram dias de muitos debates, ativações e trocas que resultarão no for-

talecimento da eficiência da produção pecuária e da qualidade da carne brasileira”, destacou Carla Tuccilio.

Para a organizadora, o encerramento da edição confirmou o posicionamento da feira como ambiente de integração entre os diferentes elos da cadeia. “Conseguimos fazer aqui o grande ponto de encontro da cadeia produtiva da carne”, destacou.

DIVERSIDADE GENÉTICA EM EVIDÊNCIA.

A Beef Hour das Raças voltou a ser um dos pontos altos da programação ao reunir produtores, técnicos e consumidores em uma experiência voltada à valorização da diversidade genética presente na pecuária brasileira.

Participaram raças zebuínas, taurinas e compostas amplamente utilizadas nos sistemas produtivos nacionais, incluindo Nelore, Tabapuã, Brahman, Sindi, Gir, Guzerá, Angus, Brangus, Bonsmara, Montana, Wagyu, Caracu, Canchim e Texas Longhorn.

Como novidade, a edição também incorporou carnes de búfalo e cordeiro da raça Suffolk, ampliando a discussão sobre diversificação da produção de proteína animal e agregação de valor aos diferentes sistemas pecuários. ■

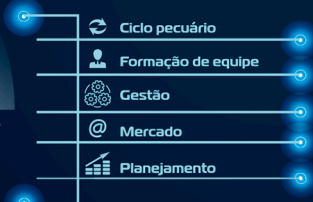


2026 FEEDLOT SUMMIT BRAZIL

ANNUAL MEETING OF BEEF CATTLE PRODUCERS
REUNIÃO ANUAL DOS PRODUTORES DE GADO DE CORTE

16 a 18 de Setembro - Goiânia / GO

Para construir um plano de vôo seguro na pecuária, alinhe a estratégia, eleve a eficiência produtiva e conduza a gestão com desempenho e lucratividade.



Local:  **DOIS IPÊS**
GOIÂNIA - GO

Inscrições: FEEDLOTSUMMITBRAZIL.COM.BR

Temáticas do Evento

- ◆ A nova era da pecuária de corte – quais são os grandes desafios?
- ◆ Como a reposição pode impactar a competitividade e a margem de lucro da recria e engorda?
- ◆ Como a gestão do risco de preços pode garantir margens consistentes na pecuária de alta performance?
- ◆ Perspectivas para os mercados agrícolas e de commodities para 2026 e 2027.
- ◆ Pastagem limpa, produtividade máxima: o uso estratégico de herbicidas para aumentar a rentabilidade da pecuária.
- ◆ Como intensificar minha fazenda e meus lucros na cria e recria/engorda?
- ◆ Como a aplicação crescente de tecnologias aumentou o lucro operacional no ciclo completo?
- ◆ Avanços na adequação do uso de fibra para bovinos confinados de alto desempenho.
- ◆ Carne de qualidade, tipificação de carcaça e as novas tendências mercadológicas.
- ◆ Novos avanços na nutrição micromineral de bovinos de corte em sistemas de pastejo e confinamento.
- ◆ Saúde intestinal e dietas com alto teor de grãos: consequências da acidose ruminal/intestinal e da inflamação sistêmica.
- ◆ O Custo invisível da variabilidade: Como a consistência operacional transforma desempenho em lucro?
- ◆ Sistema integrado de produção da África do Sul: da recria ao confinamento.
- ◆ Acidose ruminal em animais confinados na Argentina: riscos e práticas de mitigação.
- ◆ Morte súbita no confinamento - causas, diagnóstico diferencial e prevenção.
- ◆ Peso ao abate: o impacto da recria, da terminação e da integração entre fases na produção de arrobas.
- ◆ Na busca de maior margem de lucro/ha, como devem ser as métricas na cria, recria/engorda e ciclo completo?
- ◆ Liderança: exemplo em movimento.

Patrocínio

COTA 27@



COTA 25@



COTA 23@



COTA 21@



COTA 16@



Informações:

(16) 99631.0019 - 99991.2640
www.coanconsultoria.com.br

Agência de turismo oficial:

CONEXTRAVEL
(16) 3771.1700
[vendas@conextravel.com.br](mailto: vendas@conextravel.com.br)

Realização:



COAN
CONSULTORIA AVANÇADA EM PECUÁRIA

Mídias oficiais:





BRASIL PROÍBE ADITIVOS ANTIMICROBIANOS COMO MELHORADORES DE DESEMPENHO E ACELERA TRANSIÇÃO DA PRODUÇÃO ANIMAL

NOVA REGULAMENTAÇÃO BUSCA CONTER A RESISTÊNCIA BACTERIANA, APROXIMA O PAÍS
DE EXIGÊNCIAS INTERNACIONAIS E DESAFIA A CADEIA DE PROTEÍNA ANIMAL A INVESTIR
EM **BIOSSEGURIDADE, MANEJO E NUTRIÇÃO DE PRECISÃO**

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

A produção animal brasileira inicia um novo capítulo em sua trajetória sanitária. A recente decisão do Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) de proibir a importação, fabricação, comercialização e uso de aditivos melhoradores de desempenho que contenham antimicrobianos classificados como importantes para a medicina humana ou veterinária representa uma das mais significativas mudanças regulatórias da última década para os setores de aves, suínos e bovinos.

Fica proibido o uso de Avoparcina, Bacitracina, Bacitracina de Zinco, Bacitracina Metileno Disalicilato e Virginiamicina. Além da suspensão do uso desses produtos, a norma determina o cancelamento dos respectivos registros e estabelece um período de transição para escoamento dos estoques existentes. A medida está alinhada ao

esforço global de combate à resistência antimicrobiana, considerada pela comunidade científica uma das maiores ameaças à saúde pública mundial.

Para a cadeia produtiva, a mudança impõe desafios operacionais e econômicos, mas também abre espaço para a adoção de tecnologias e estratégias de manejo que já vêm sendo implementadas em mercados mais avançados.

O QUE MUDA NA PRÁTICA. Durante décadas, determinados antimicrobianos foram utilizados como melhoradores de desempenho em sistemas intensivos de produção animal. Em doses subterapêuticas, esses aditivos contribuíam para a eficiência alimentar, ganho de peso e uniformidade dos lotes.

Com a nova regulamentação, substâncias classificadas como importantes para a medicina humana e veteri-

nária deixam de ser autorizadas para essa finalidade. A justificativa é evitar que o uso contínuo desses compostos favoreça a seleção de microrganismos resistentes, reduzindo a eficácia de antibióticos essenciais para o tratamento de doenças em animais e pessoas. A medida não impede o uso terapêutico dos antimicrobianos quando houver necessidade clínica e prescrição veterinária. O foco da restrição está exclusivamente no emprego dessas moléculas como promotores de crescimento ou melhoradores de desempenho zootécnico.

COMPETITIVIDADE E ACESSO A MERCADOS. A decisão também possui uma dimensão comercial relevante. Mercados importadores vêm ampliando as exigências relacionadas ao uso responsável de antimicrobianos na produção



animal. Em alguns casos, restrições semelhantes já fazem parte dos protocolos de certificação e das exigências de compradores internacionais.

Nesse sentido, a adequação às novas regras pode fortalecer a imagem sanitária do Brasil e ampliar a competitividade das proteínas brasileiras em mercados de alto valor agregado.

Analistas do setor avaliam que a medida contribui para consolidar o posicionamento do país como fornecedor de alimentos produzidos sob critérios cada vez mais rigorosos de sustentabilidade, segurança alimentar e responsabilidade sanitária.

O DESAFIO DA TRANSIÇÃO. Apesar dos potenciais benefícios de longo prazo, a implementação da nova regulamentação exigirá ajustes em toda a cadeia produtiva. Produtores, cooperativas, agroindústrias, nutricionistas e médicos veterinários deverão revisar protocolos sanitários e programas nutricionais para minimizar impactos sobre desempenho e rentabilidade.

A fase de transição também demandará investimentos em capacitação técnica, monitoramento epidemiológico e adoção de boas práticas de produção. Para especialistas, o sucesso da medida dependerá da capacidade do setor de transformar uma exigência regulatória em oportunidade para elevar os padrões produtivos e sanitários da pecuária brasileira.

UMA MUDANÇA QUE VAI ALÉM DAS GRANJAS. Mais do que uma alteração normativa, a proibição dos antimicrobianos melhoradores de desempenho sinaliza uma mudança de paradigma na produção animal.

O foco deixa de estar apenas nos índices zootécnicos e passa a incorporar, de forma mais explícita, preocupações relacionadas à saúde única — conceito que integra saúde animal, saúde humana e meio ambiente.

Ao alinhar-se às recomendações internacionais e às demandas crescentes por alimentos produzidos de forma responsável, o Brasil reforça seu compromisso com a sustentabilidade da produção de proteína animal e com o enfrentamento de um dos maiores desafios sanitários do século XXI: a resistência antimicrobiana.

Ariovaldo Zani, médico-veterinário,



Ariovaldo Zani, CEO do Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sindirações)

rio, CEO do Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sindirações) explica que os antimicrobianos foram historicamente importantes para melhorar desempenho zootécnico, reduzir efeitos de desafios entéricos e favorecer conversão alimentar, muito embora, por serem ferramentas terapêuticas relevantes, quanto mais importante sua classe antimicrobiana, menor deve ser sua utilização para fins não terapêuticos. “A medida não significa o banimento geral dos antibióticos na produção animal, nem impede o uso terapêutico quando necessário e devidamente regulado, ou seja, mira especificamente o uso com finalidade zootécnica, associada a ganho de peso, conversão alimentar e produtividade”, avalia.

O impacto nutricional, de acordo com Zani, não deve ser entendido como perda direta de qualidade da carne, do leite ou dos ovos para o consumidor, já que o efeito mais provável se dará na eficiência com que o animal transforma o alimento ingerido em carne, ovos ou leite. “Os antibióticos melhoradores de desempenho atuavam historicamente reduzindo desafios microbianos intestinais, melhorando o equilíbrio da microbiota, favorecendo absorção de nutrientes e contribuindo para melhor conversão alimentar. Sem esses aditivos, especialmente em ambientes com maior pressão sanitária, pode haver piora na conversão alimentar, menor ganho de peso e maior exigência nutricional para atingir o mesmo desempenho”, explica.



Ariel Mendes, presidente da Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia Animal (FACTA)

Ariel Mendes, presidente da Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia Animal (FACTA), afirma que as empresas são obrigadas a seguir vários programas de controle de qualidade e as informações sobre todos os produtos utilizados durante a criação dos animais devem constar na ficha do lote e no boletim sanitário que o acompanha quando vai para o abatedouro. “Essas informações são fornecidas pelo médico-veterinário responsável pela granja ou fazenda. Ao chegar no abatedouro, essas informações são revisadas pelo Serviço Veterinário Oficial para comprovar que estão de acordo com as exigências do mercado a que se destina à carne daquele lote, no caso da exportação. Isso vale também para o produto que fica no mercado interno”, diz.

Mendes detalha que no caso da carne de frango, a demonstração do não uso é mais fácil porque a totalidade da carne exportada para a Europa, e muitos outros mercados, é feita por frigoríficos com Inspeção Federal e as aves são criadas sob o sistema de integração vertical. “O produtor, então, é proibido de utilizar qualquer medicamento ou vacina que não sejam fornecidos pela empresa integradora e que deve ser prescrita por um médico veterinário”, detalha. “O mesmo raciocínio vale para suínos, embora o Brasil ainda não exporte carne suína para a Europa, porque, neste caso, não temos acordo sanitário com a UE. No caso de ovos, mel, pescados e carne bovina também existe a necessidade de o estabelecimento ter SIF e a figura do médico ve- ►

terinário responsável, o qual deve ter uma ART junto ao Conselho Regional de Medicina Veterinária”, afirma.

Além disso, segundo Ariel Mendes, o Ministério da Agricultura e Pecuária possui um programa de controle chamado PNRC – Programa Nacional de Controle de Resíduos e Contaminantes – que sorteia frigoríficos e estabelecimentos aleatoriamente para coleta de produto (carne ou mel, por exemplo) que são enviados para um Laboratório Federal de Defesa Agropecuária para verificar se existem resíduos de substâncias proibidas. Caso haja algum desvio, a propriedade que gerou aquele produto é visitada pelo Serviço Veterinário Oficial.

Emílio Salani, Vice-Presidente Executivo do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal, destaca que o SINDAN apoia o uso responsável de antimicrobianos e o combate à resistência, em linha com o conceito de saúde única (que conecta saúde humana, animal e ambiental). “A entidade defende que medidas desse tipo sejam técnicas, específicas e proporcionais — direcionadas ao uso que de fato preocupa —, em vez de proibições amplas que retirem do veterinário ferramentas importantes para tratar os animais. O sindicato também trabalha para esclarecer o mercado e evitar que informações imprecisas gerem insegurança na cadeia produtiva”, afirma.

De acordo com Salani, a medida vai na direção prevista nos planos globais e nacionais de controle da resistência aos antimicrobianos. “Além de ajustar a regra, o Brasil reforça seus sistemas de fiscalização, rastreabilidade e controle de uso — o que é essencial para manter e ampliar o acesso da carne brasileira a mercados que assim exigem”, destaca.

Gustavo de Aguiar, especialista técnico em monogástricos da ICC Animal Nutrition, afirma que, para a produção de aves e suínos, essa mudança reforça a necessidade de uma abordagem mais ampla. “O desempenho passa a depender ainda mais do manejo, da biossegurança, da qualidade da matéria-prima, da ambiência, do controle sanitário, do equilíbrio da microbiota intestinal e de estratégias nutricionais capazes de apoiar a saúde intestinal e a resposta imune dos animais.



Emílio Salani, Vice-Presidente Executivo do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal

Não se trata apenas de “trocar um aditivo por outro”, diz. “A retirada dos antimicrobianos promotores de crescimento exige a revisão dos programas nutricionais e sanitários, com foco na prevenção, na consistência e na redução da pressão de desafio no campo”, avalia. “A produção animal moderna precisa continuar sendo eficiente, mas também deve contribuir para preservar a efetividade dos antimicrobianos para situações em que eles são realmente necessários, especialmente no tratamento de doenças”, explica.

William Reis, Gerente Técnico de Produtos para Ruminantes da ICC Animal Nutrition, destacou que, entre as moléculas proibidas pela portaria, a virginiamicina era a mais utilizada como aditivo melhorador de desempenho na produção de bovinos. “Em ruminantes, um

de seus principais mecanismos de ação é modular o padrão de fermentação ruminal, reduzindo o crescimento de bactérias produtoras de lactato. Isso contribui para manter o pH ruminal mais estável, diminuindo o risco de acidose ruminal. Além disso, a molécula auxilia na redução da incidência de abscessos hepáticos em bovinos confinados.

Segundo ele, apesar desses benefícios, a regulamentação foi uma medida corajosa e importante. “O risco do uso contínuo da virginiamicina como promotor de crescimento pode ser ilustrado pelo fato de ela pertencer à classe das estreptograminas, um grupo de antibióticos de extrema importância para a saúde humana. Essa mesma classe inclui a associação quinupristina/dalfopristina, utilizada no tratamento de infecções hospitalares graves causadas por bactérias multiresistentes, incluindo *Enterococcus faecium* resistente à vancomicina (VRE)”, afirma. Nesse contexto, ainda de acordo com Reis, o uso da virginiamicina como promotor de crescimento muito provavelmente representava um risco desnecessário de seleção de bactérias resistentes e, conseqüentemente, de perda da eficácia dessa importante ferramenta terapêutica, com potenciais impactos para a saúde humana e animal. “Esse risco era desnecessário porque os benefícios proporcionados pela virginiamicina na produção de bovinos podem ser plenamente alcançados por meio de estratégias de manejo alimentar e do uso de aditivos nutricionais não antibióticos. Esse deverá ser, certamente, o caminho adotado pelo setor durante essa transição”, conclui. ■

Gustavo de Aguiar, especialista técnico em monogástricos da ICC Animal Nutrition e, ao lado, **William Reis**, Gerente Técnico de Produtos para Ruminantes da ICC Animal Nutrition



Nós somos a ICC Animal Nutrition

 **+ R\$100 MILHÕES**
investidos em pesquisas científicas



+ 400
trabalhos científicos



Parceria com
+ 20 CENTROS DE PESQUISAS
e universidades em diversos países



Presente em mais de
70 PAÍSES



LinkedIn



    [iccnutricaoanimal](https://www.youtube.com/channel/UCcnu1r1a0a0a0a0a0a0a0a0a)

www.iccbrazil.com

 **ICC**
Agregando valor à nutrição



INVESTIMENTO EM TEMPOS VOLÁTEIS

COMO A CADEIA DA PROTEÍNA ANIMAL BUSCA RECURSOS PARA CRESCER EM MEIO A JUROS ALTOS, ENDIVIDAMENTO E INCERTEZAS ELEITORAIS. SEGUNDO SEMESTRE DE 2026 DESAFIA PRODUTORES E AGROINDÚSTRIAS, MAS CRÉDITO DIRECIONADO, INOVAÇÃO FINANCEIRA E PLANEJAMENTO MANTÉM PROJETOS ESTRATÉGICOS EM ANDAMENTO

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

O segundo semestre de 2026 apresenta um dos ambientes mais desafiadores dos últimos anos para quem pretende investir na cadeia da proteína animal. Embora o setor continue sustentado por fundamentos sólidos, como demanda global crescente, exportações aquecidas e perspectiva positiva para o consumo de proteí-

nas, fatores macroeconômicos elevam o nível de cautela dos investidores.

A combinação entre juros ainda elevados, endividamento acumulado em parte do setor agropecuário, cenário eleitoral e incertezas sobre os rumos da política econômica tem levado produtores, cooperativas e agroindústrias a reavaliar projetos e buscar alternativas para viabilizar investimentos.



Mesmo diante desse contexto, especialistas afirmam que o ciclo de modernização das cadeias de aves, suínos e leite não deve ser interrompido. O produtor pode adiar decisões, mas dificilmente deixará de investir em eficiência. O desafio atual é encontrar a estrutura financeira adequada para cada projeto.

Cesar de Castro Alves, gerente da Consultoria Agro do Itaú BBA, aponta que os economistas não fazem projeções de longo prazo, mas, de forma geral, consideram factível que as três proteínas avancem entre 2% e 3% ao ano na próxima década. “Os vetores de competitividade permanecem, em grande medida, os mesmos que sustentaram o crescimento até aqui. Destacam-se a escala de produção e a verticalização nas cadeias de aves e suínos, com elevado nível de eficiência na conversão alimentar e custos competitivos de ração”, explica. “Soma-se a isso a competitividade estrutural nas três proteínas, o potencial de ganhos tecnológicos adicionais na pecuária de corte, com maior adoção de sistemas integrados e confinamento, além do câmbio desvalorizado, que favorece as exportações”, diz.

Por outro lado, os desafios são igualmente relevantes. A manutenção de elevados padrões sanitários e de biossegurança é condição indispensável para preservar o acesso aos mercados internacionais. A volatilidade dos custos, especialmente em sistemas intensivos em ração, exige uma gestão de risco cada vez mais sofisticada, abrangendo também câmbio e o ambiente macroeconômico e geopolítico global. A diversificação de mercados e o fortalecimento das relações comerciais são fundamentais para mitigar barreiras comerciais. Além disso, avanços em infraestrutura e logística serão necessários para suportar a expansão das exportações.

Por fim, ganham crescente importância as exigências socioambientais, de rastreabilidade e de reputação internacional. A pressão global por cadeias produtivas totalmente rastreáveis e livres de ►

BOI GORDO: PRESO ENTRE UMA COTA E OUTRA

CURTO PRAZO (JUL-SET): PRESSÃO DE OFERTA

Historicamente, a oferta costuma surpreender positivamente no 3º trimestre. Neste ano, porém, agosto e setembro tendem a apresentar um aperto maior, devido ao confinamento mais caro, à pior relação de troca e ao elevado custo do boi magro.

Segundo Juan Guillermo Gaviria, Diretor Associado de Derivativos e Produtos Estruturados do BTG Pactual, as bases em Mato Grosso já estão próximas das de São Paulo, refletindo parcialmente essa expectativa. As escalas de abate seguem relativamente confortáveis, entre 7 e 8 dias, embora abaixo dos níveis observados em 2025. Ao mesmo tempo, o produtor tende a cadenciar as vendas com a chegada das chuvas. “No mercado externo, o esgotamento da cota destinada à China implica uma redistribuição das exportações para mercados como Estados Unidos, Oriente Médio, Chile e México. O volume exportado deve encontrar destino, porém sem o prêmio de preço proporcionado pelo mercado chinês”, explica.



Juan Guillermo Gaviria, diretor Associado de Derivativos e Produtos Estruturados do BTG Pactual

MOMENTUM (1-2 MESES): VIÉS BAIXISTA

A visão para julho e agosto permanece de pressão sobre os preços.

■ Preço esperado em julho próximo de R\$ 333/€, com possibilidade de novas quedas ao longo dos próximos 30 dias.

■ A cota chinesa está esgotada, e a tarifa de 55% inviabiliza economicamente a maior parte dos embarques.

■ A União Europeia suspende importações em setembro, reduzindo mais uma alternativa de destino.

■ Há também um componente estratégico: frigoríficos têm utilizado o fim da cota chinesa como argumento para pressionar os preços pagos ao produtor.

Na B3, os contratos de julho e agosto negociam entre R\$ 335-337/€, enquanto o mercado físico permanece ao redor de R\$ 345-346/€, reforçando um viés taticamente baixista para os próximos um a dois meses.

MÉDIO PRAZO (4º TRIMESTRE): CENÁRIO CONSTRUTIVO

A partir de outubro, a perspectiva melhora. Caso a China reabra a cota para 2027, antecipando compras para o Ano Novo Lunar, o mercado pode voltar a precificar um cenário mais positivo.

Juan Guillermo Gaviria destaca que nesse contexto, o contrato de outubro na B3, ao redor de R\$ 350/€, pode se mostrar conservador. Em um cenário mais otimista, com retomada das compras chinesas e continuidade do ciclo global de menor oferta de carne bovina, os preços poderiam alcançar algo entre R\$ 380 e R\$ 400/€ em novembro e dezembro. “Além disso, os animais abatidos em outubro chegariam à China já sob a nova cota, favorecendo as exportações no fim do ano”, relata. O principal limitador desse cenário, segundo ele, continua sendo o mercado doméstico, cuja capacidade de absorção permanece reduzida em função do elevado endividamento das famílias.

desmatamento tende a se intensificar, impondo custos adicionais e maior complexidade regulatória ao setor.

Segundo Mayra Theis, sócia e líder da indústria de Agronegócio da PwC Brasil, a 29ª CEO Survey da PwC capta bem o clima do setor: otimismo, mas contido. “Entre os líderes do agro, 58% esperavam aceleração da economia brasileira nos próximos 12 meses — acima da média global (50%), mas bem abaixo dos 76% registrados um ano antes”, relata. “A confiança no crescimento da própria receita em 12 meses também recuou, de 48% para 38%. É o que a pesquisa chama de “tensão no ar”: o setor mantém vantagem competitiva sobre o cenário internacional, porém com expectativas mais maduras e calibradas para um ambiente de maior incerteza”, afirma.

O pano de fundo macroeconômico, segundo Mayra, ajuda a explicar essa prudência. “A taxa Selic ainda segue elevada, mesmo com corte, está em 14,25% ao ano, com a inflação (IPCA) de 4,72% em Maio/26 para os últimos 12 meses, combinação que mantém o crédito caro e as margens sob pressão. Ainda assim, a leitura da PwC é de que o agro segue como um dos motores mais consistentes da economia: a balança comercial reforça esse protagonismo, com o agronegócio respondendo por cerca de metade das exportações brasileiras, segundo a Secex/MDIC”, detalha.

A avaliação geral, portanto, é de um setor estruturalmente robusto vivendo um ciclo de acomodação conjuntural. “A confiança em três anos caiu de 66% (2025) para 55% (2026), mas ainda supera as médias nacional (46%) e global (49%). Em outras palavras: o agro brasileiro pisa no freio do otimismo, mas mantém o motor ligado”, diz.

O AMBIENTE DE JUROS E CRÉDITO TEM FAVORECIDO OU LIMITADO OS INVESTIMENTOS NO CAMPO? O ambiente de juros e crédito tem restringido os investimentos no campo e se tornou um dos principais entraves ao agronegócio brasileiro em 2026. Segundo Mayra Theis, o ciclo de aperto monetário encareceu o crédito rural, reduziu a capacidade de investimento e tornou o produtor mais dependente de funding direcionado e instrumentos de mercado. Esse quadro já aparece



Cesar de Castro Alves, gerente da Consultoria Agro do Itaú BBA

nos indicadores financeiros: segundo a Serasa Experian, a inadimplência da população rural encerrou 2025 em 8,2%, com maiores níveis de atraso entre grandes produtores e arrendatários. “A 29ª CEO Survey da PwC reforça essa leitura: 33% dos líderes do agronegócio apontam a instabilidade macroeconômica como uma das principais ameaças ao setor, refletindo a exposição a juros, câmbio e custos de financiamento. Ao mesmo tempo, o cenário tem acelerado uma transformação positiva no financiamento privado. Instrumentos como LCA, CPR e Fiagros ganharam protagonismo em 2026, ampliando alternativas ao Plano Safra. Segundo o Ministério da Agricultura e Pecuária, as emissões de CPR somaram R\$ 560 bilhões em março de 2026, evidenciando o avanço das fontes privadas como vetor relevante de capitalização do setor”, explica.

Esse movimento vem acompanhado pela digitalização do crédito rural. “Em vigor desde março de 2026, a Resolução CMN nº 5.267/2025 elevou as exigências regulatórias ao tornar o monitoramento da aplicação dos recursos uma responsabilidade contínua das instituições financeiras, apoiada por sensoriamento remoto, inteligência artificial e integração de dados territoriais e produtivos. Nos próximos anos, essa nova fronteira do crédito rural tende a se apoiar cada vez mais em dados e



Mayra Theis, sócia e líder da indústria de Agronegócio da PwC Brasil

tecnologia para reduzir assimetrias de informação, aprimorar a análise de risco e tornar o capital mais acessível ao produtor brasileiro”, afirma.

TECNOLOGIA E RENDIMENTO NO CAMPO.

Andrey Gava Citadin, Gerente Comercial da Plasson avalia que a tecnologia tem contribuído diretamente para aumentar a produtividade, o bem-estar animal e a sustentabilidade da cadeia produtiva de aves e suínos. “E quando se fale em tecnologia, não se trata mais de apenas automatizar as operações, mas criar uma condição para uma gestão mais precisa e confiável, promovendo mais eficiência e melhores resultados. É um caminho sem volta e que a cada dia toma mais espaço



Rafael Lacerda de Souza, Gerente comercial da Vencomatic South America

dentro da produção animal”, explica.

Além da tecnologia em equipamentos já conhecidos, como sistemas de alimentação, água e climatização do aviário, que sempre estão passando por evolução, o que tem mais chamado a atenção é a tecnologia relacionada a transformação digital nas granjas. “Nesse aspecto, sistemas de sensorização e medição de parâmetros relevantes do processo produtivo (consumo de água e ração, temperatura, umidade, peso das aves, etc.), aliados a plataformas digitais de análise desses dados permitem uma gestão muito mais precisa e decisões mais assertivas no processo produtivo”, conta.

Ele destaca ainda que, quando se garante um ambiente de maior conforto, com disponibilidade de água e ração adequadas, os animais podem expressar melhor seu potencial produtivo, com menor estresse, utilizando os recursos de forma mais eficiente. “Todos os parâmetros da granja podem ser controlados e administrados com precisão, mantendo uma condição ideal da granja, independente da condição climática da região. Sistemas de segurança e controle evitam riscos de mortalidade, monitoram o lote e promovem maior eficiência. O resultado final de tudo isso, é uma produção mais sustentável, com melhores índices zootécnicos, utilização mais racional dos recursos e maior rentabilidade para toda a cadeia produtiva”, afirma.

Rafael Lacerda de Souza, Gerente comercial da Vencomatic South America, destaca que a tendência é que a tecnologia deixe de ser um diferencial e passe a ser um requisito para a competitividade das operações. “Esse movimento será impulsionado principalmente pela necessidade de aumentar a eficiência produtiva, diante de um cenário em que o crescimento não dependerá apenas da expansão da produção. A escassez de mão de obra qualificada também reforça a importância da automação e da padronização dos processos, especialmente na avicultura”, avalia.

Ele explica que, além disso, exigências crescentes relacionadas à sustentabilidade, rastreabilidade e bem-estar animal devem continuar direcionando investimentos em soluções mais eficientes e transparen-



“Há ganhos de produtividade quando os produtores adotam equipamentos mais modernos como na redução de custos de produção, eficiência técnica, com menores desperdícios, gerando melhores indicadores zootécnicos e econômicos, otimização da mão de obra na granja, maior previsibilidade e menor risco de erros e problemas, maior assertividade nas decisões e geração de um ambiente muito mais favorável ao desenvolvimento dos animais, permitindo expressar ao máximo seu potencial”.

Andrey Gava Citadin,
Gerente Comercial da Plasson

tes. “Em um ambiente global marcado por oscilações econômicas, comerciais e logísticas, a tecnologia também será essencial para aumentar a previsibilidade, a resiliência e a competitividade do agronegócio brasileiro no longo prazo”, conta.

Ricardo Marozzin, presidente da Grain & Protein Technologies (GPT) para a América do Sul – detentora da marca GSI – destaca que os produtores enfrentam diferentes desafios, que vão desde questões econômicas e de gestão até a sucessão familiar. Mas existe um tema que impacta praticamente todos os segmentos do agronegócio: a mão de obra. “A disponibilidade de profissionais qualificados é um desafio tanto no campo quanto na indústria. A atividade agropecuária exige



Ricardo Marozzin, presidente da Grain & Protein Technologies (GPT) para a América do Sul – detentora da marca GSI

prontidão, comprometimento e conhecimento técnico, seja nas janelas de plantio e colheita ou na produção animal, que demanda acompanhamento contínuo. À medida que as operações ganham escala e incorporam mais tecnologia, a qualificação das equipes se torna ainda mais importante”, afirma.

A expansão da produção aumenta diretamente a demanda por tecnologia e infraestrutura, de acordo com Marozzin. “À medida que as operações ganham escala, torna-se necessário investir mais em automação, monitoramento e gestão para manter a eficiência e acompanhar os indicadores de desempenho”, afirma. Além disso, ele aponta que a tecnologia ajuda a enfrentar um dos principais desafios do setor, que é a disponibilidade de mão de obra. Crescer sem incorporar tecnologia significa depender de mais pessoas, o que nem sempre é possível. “Ao mesmo tempo, as soluções tecnológicas contribuem para a padronização dos processos e para a obtenção de resultados mais consistentes. O agronegócio brasileiro tem avançado muito nesse sentido, mas ainda enfrenta obstáculos importantes. O principal deles é o custo do capital. Juros elevados e limitações de acesso ao crédito acabam reduzindo a velocidade dos investimentos e da adoção de novas tecnologias no campo”, afirma. ■

PRODUTIVIDADE SUSTENTA CENÁRIO FAVORÁVEL PARA A PECUÁRIA ATÉ 2028

MAURÍCIO PALMA NOGUEIRA AVALIA QUE INTENSIFICAÇÃO, ABATE MAIS PRECOCE E DEMANDA FIRME AMPLIAM AS PERSPECTIVAS DO SETOR, MAS ALERTA QUE DECISÕES DEVEM SE APOIAR EM DADOS, E NÃO EM APOSTAS DE PREÇO

KEVIN NASCIMENTO

kevin@dc7comunica.com.br

O avanço da produtividade, a firmeza da demanda e a transformação dos sistemas de produção sustentam uma perspectiva favorável para a pecuária brasileira, embora decisões comerciais e geopolíticas possam alterar rapidamente o mercado. A análise foi apresentada por Maurício Palma Nogueira, engenheiro agrônomo formado pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (ESALQ/USP), diretor da Athenagro e coordenador do Rally da Pecuária, durante a reunião mensal da Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais (ASBRAM), realizada em 18 de junho, em São Paulo. “Eu nunca tive tanta certeza da oferta e demanda que temos pela frente, dos resultados que temos pela frente, e nunca tive tanta dúvida em relação ao tanto que tudo isso pode mudar de acordo com decisões”, afirmou. Segundo Nogueira, escolhas de mercados como China e Estados Unidos podem modificar as perspectivas, mesmo diante de fundamentos produtivos que permanecem positivos.

O consultor criticou projeções de forte queda da produção e de valorização excessiva da arroba que, em sua avaliação, não se confirmaram. Para ele, expectativas fora da realidade podem gerar frustração, provocar perda de oportunidades de venda e levar produtores a reduzir o ritmo da produção em um momento favorável. “Nós precisamos começar a ter um pouco mais de disciplina, parar de se apaixonar por modelos ma-

temáticos e começar a ir buscar essa informação no campo”, ressaltou.

Entre os indicadores apresentados, as fêmeas responderam por 49,9% do abate bovino no primeiro trimestre de 2026. Nogueira rejeitou, porém, a interpretação automática de que o percentual representa uma liquidação descontrolada de matrizes. Segundo ele, parte do movimento decorre de decisões mais técnicas, como o descarte de vacas vazias e o abate de novilhas mais jovens. “O que está acontecendo no Brasil é um descarte técnico”, explicou.

A intensificação também altera a relação entre tamanho do rebanho, abate e oferta de carne. A Athenagro estima que animais terminados com dietas em torno de 2% do peso vivo em

concentrado representem mais de 25% do abate em 2026. Para cada semana de redução na idade média de abate, espera-se ainda incremento de 1,9% na quantidade anual de machos abatidos.

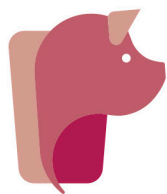
Com base nesses fundamentos, a leitura da Athenagro é de que o cenário positivo pode avançar até 2028, no mínimo. Nogueira ressaltou, entretanto, que ocorrências sanitárias, intervenções governamentais ou mudanças geopolíticas poderiam alterar uma perspectiva construída a partir das variáveis mensuráveis de oferta e demanda.

A consultoria também elevou de R\$ 339 para R\$ 347 por arroba sua projeção para a média de 2026. A revisão foi atribuída principalmente ao desempenho registrado nos primeiros meses do ano, e não a uma mudança completa dos fundamentos. “Projeções não são previsões. Projeções mudam todo ano”, observou Nogueira, ao defender que as estimativas sejam atualizadas conforme novas informações chegam ao mercado.

Na avaliação do especialista, a análise de mercado deve apoiar decisões e operações de proteção de margem, sem determinar o sistema produtivo a partir de expectativas de preço. Em uma comparação apresentada, o boi gordo precisaria valer de três a cinco vezes mais em sistemas de produtividade média ou extrativistas para proporcionar o mesmo lucro obtido pela alta tecnologia na recria e engorda. A recomendação final foi preservar a eficiência dentro da porteira e utilizar a comercialização para proteger o resultado construído na produção. ■



Maurício Palma Nogueira, diretor da Athenagro e coordenador do Rally da Pecuária: “A fazenda, o lucro, ele tem que ser construído no sistema de produção. A comercialização tem que garantir o seu sistema de produção”



18º SIMPÓSIO
BRASIL SUL DE
SUINOCULTURA
17ª BRASIL SUL
PIG FAIR

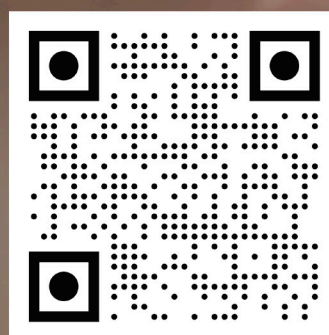


Participar do Simpósio Brasil
Sul de Suinocultura é conhecer
as principais novidades e
tecnologias do setor!

**11, 12 E 13
DE AGOSTO
DE 2026**

Centro de Cultura e
Eventos Plínio Arlindo
De Nes - Chapecó/SC

FIQUE POR DENTRO DE TUDO



A IMPORTÂNCIA DOS ADITIVOS ALIMENTARES NA BOVINOCULTURA DE CORTE BRASILEIRA

LUCIANO DA SILVA CABRAL, EMERSON SILVA MIRANDA, LUAN RAFAEL ASSUNÇÃO DOS SANTOS, MARIA ANTONIA SANTIAGO, ANDRESSA KARINE AUGUSTA MACHADO, LETICIA SINHORI DE ARRUDA, ADONIRAN RAUH DO NASCIMENTO BALDUINO

O Brasil possui o maior rebanho comercial de bovinos do mundo (cerca de 200 milhões de cabeças), bem como é o maior produtor e exportador de carne bovina do mundo. A bovinocultura de corte atingiu esses números graças ao uso de tecnologias, especialmente na área de nutrição, em que os aditivos alimentares se tornaram ferramenta fundamental para melhorar o desempenho e a eficiência animal. Os aditivos podem ser classificados de diferentes formas, mas neste documento, abordaremos os aditivos que se enquadram na categoria de aditivos zootécnicos.

Os ionóforos são os aditivos mais usados e estudados no Brasil e no mundo, notadamente a monensina. Os dados de pesquisa indicam que a em dietas de bovinos em confinamento reduz o consumo de matéria seca em 3%, aumenta o desempenho em 2,5%, melhorando com isso, a eficiência alimentar em 6,4%. Além disso, a monensina reduz os riscos de distúrbios digestivos (acidose ruminal e timpanismo) bem como a as emissões de metano ruminal (cerca de 15%). A utilização de compostos secundários de plantas (taninos = TAN, óleos essenciais/funcionais = OE) foi impulsionada nas duas últimas décadas pelo risco de resistência microbiana aos antibióticos (pequena probabilidade). Dentre os últimos, a suplementação com TAN (quebracho e castanha de caju) em 0,3% da matéria seca da dieta tem promovido aumento do ganho de peso e eficiência alimentar em bovinos de corte. Da mesma forma, observa-se redução da emissão de metano ruminal da ordem de 10,2% quando TAN foram incluídos em até 0,4% da matéria seca da dieta.

De modo semelhante, a suplementação de OE tem promovido aumento do consumo, do ganho de peso e melhoria da conversão alimentar, mas com resultados menos consistentes entre os estudos. Quando os OE foram usados em substituição à monensina houve melhora nas características da carcaça (rendimento, área de olho de lombo e espessura de gordura subcutânea) de bovinos em confinamento alimentados com dietas contendo elevada proporção de concentrado.

Porém, houve aumento de 84,9% da prevalência de abscessos hepáticos e elevou em 107% o risco da enfermidade. Entre os probióticos, destacam-se as leveduras e bactérias. A suplementação com levedura viva tem se mostrado eficaz em promover maior estabilidade do pH ruminal, reduzindo, com isso, a ocorrência de distúrbios digestivos e metabólicos. Além disso, o aumento do ganho de peso tem sido observado em gado de corte recebendo suplementação com levedura (+0,036 kg/dia) na dose de 15 g/dia, sendo as respostas mais pronunciadas em animais alimentados com dietas de alto concentrado. Outra estratégia consiste na utilização do nitrato (NO_3^-), uma fonte de nitrogênio não proteico que pode substituir a ureia em dietas de bovinos de corte.

Em estudos iniciais a abordagem era sobre a sua toxicidade, quando presente em elevadas concentrações em algumas forrageiras. Atualmente, tem-se estudado o nitrato como um potencial mitigador dos gases de efeito estufa (CH_4), neste sentido, quando suplementado a bovinos a emissão de metano pode ser reduzida em até 20%. Mais recentemente, tem aumentado

o interesse pelo uso de bactérias probióticas, tais como do gênero *Bacillus* (*B. subtilis* e *B. licheniformis*), com resultados promissores quanto à melhoria na digestão da fibra em animais alimentados com dietas à base de forragem, entretanto, mais estudos são necessários para consolidar tal tecnologia. Da mesma forma, a suplementação em dietas de alto concentrado com a bactéria ruminal *Megasphaera elsdenii* se mostrou eficaz em aliviar a acidose láctica ruminal, bem como promover melhorias no desempenho animal e redução da emissão de metano.

Além desses aditivos, outros têm sido testados para reduzir a emissão de metano (3-nitrooxipropanol, algas vermelhas/microalgas), aumentar a digestão dos nutrientes (enzimas fibrolíticas, amilolíticas ou proteolíticas), para os quais se tem menos dados, ou menor consistência dos resultados que permita uma maior confiança quanto à sua eficácia. Em conclusão, os aditivos alimentares são ingredientes dietéticos de suma importância na bovinocultura de corte objetivando aumentar o desempenho dos animais, reduzir as emissões de metano, melhorar a saúde ruminal e, portanto, aumentar o lucro, intensificar a produção com menor impacto ambiental. ■

Luciano da Silva Cabral, Emerson Silva Miranda, Luan Rafael Assunção dos Santos, Maria Antonia Santiago, Andressa Karine Augusta Machado, Leticia Sinhori de Arruda, Adoniran Rauh do Nascimento Balduino, da Faculdade de Agronomia e Zootecnia - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá (MT) e-mail: Luciano.cabral@ufmt.br

// 2ª Edição //



FEED FORMULATION LATIN AMERICA 2027

EM PARALELO COM



2
EVENTOS
SIMULTÂNEOS

14-16 | SETEMBRO | EXPO CENTER NORTE
2027 | SÃO PAULO, BRASIL

O ÚNICO EVENTO FOCADO EM **INGREDIENTES** PARA **FORMULAÇÃO DE RAÇÕES**

Feira internacional para fornecedores de **ingredientes, aditivos, óleos, gorduras, enzimas, corantes, aromas, proteínas, vitaminas, minerais, matérias-primas e análises** para a indústria de nutrição animal e rações para todas as espécies.



FORTE PRESENÇA DE FORMULADORES, NUTRICIONISTAS, ZOOTECNISTAS, VETERINÁRIOS E P&D



CONFERÊNCIAS DE ALTO NÍVEL COM CONTEÚDO TÉCNICO ESPECIALIZADO



CONEXÃO DIRETA ENTRE IMPORTADORES E COMPRADORES DE TODA AMÉRICA LATINA



+100
MARCAS EXPOSITORAS
NACIONAIS E INTERNACIONAIS



**SEJA
EXPOSITOR!**

RESERVE JÁ O SEU STAND

+55 11 93536-7785

feed@interlinkexhibitions.com

feedformulationlatam.com



ZERO ANTIBIÓTICOS COMO REQUISITO ESSENCIAL PARA O MERCADO DO CAMARÃO CULTIVADO

RODRIGO ANTONIO PONCE DE LEON FERREIRA DE CARVALHO, DR.

HISTÓRICO DAS RESTRIÇÕES AO USO DE ANTIBIÓTICOS. Em setembro de 2017, a Direção-Geral de Saúde e Segurança Alimentar (DG SANTE) da Comissão Europeia realizou uma auditoria para avaliar os sistemas de controle aplicados ao pescado exportado pelo Brasil ao bloco europeu. As inspeções identificaram diversas deficiências, especialmente relacionadas às diferenças nos sistemas de registro das embarcações de pesca. Como consequência, desde 2018 as exportações de pescado brasileiro, tanto provenientes da pesca extrativa quanto da aquicultura, permanecem suspensas.

Com a nova auditoria da DG SANTE programada para junho deste ano, a Comissão Europeia avaliará se o Brasil reúne condições para a reabertura do mercado europeu ao pescado nacional. Esse movimento tem gerado grande expectativa nos setores aquícola e pesqueiro.

Entretanto, a recente ameaça de suspensão das exportações de carnes de bovinos, equídeos, aves de capoeira, produtos da aquicultura, mel e tripas reacendeu a apreensão no setor. A medida foi formalizada com a publicação do Regulamento de Execução (UE) 2026/1189 no Jornal Oficial da União Europeia, em 5 de junho, com entrada em vigor prevista para 3 de setembro próximo. No item 17 do regulamento, a Comissão Europeia justifica a decisão afirmando que “não recebeu informações que garantam que o Brasil aplicou as medidas necessárias para assegurar o cumprimento, até 3 de setembro de 2026, dos requisitos estabelecidos no artigo 3º do Regulamento Delegado (UE) 2023/905

relativamente a estes produtos”.

Para compreender o alcance desse dispositivo, é essencial considerar os artigos 1º e 2º do regulamento, que destacam a ameaça representada pela resistência aos antimicrobianos para a saúde pública. Sob a perspectiva da abordagem de Saúde Única, que integra saúde humana, saúde animal e meio ambiente, o uso de antimicrobianos para promoção de crescimento ou aumento de produtividade é considerado imprudente e incompatível com práticas responsáveis, tanto na medicina veterinária quanto na humana. O artigo 3º, por sua vez, proíbe a administração a animais de antimicrobianos reservados ao tratamento de infecções humanas, especialmente aqueles classificados como terapias de último recurso.

A possibilidade de suspensão das exportações brasileiras de produtos de origem animal devido a falhas no controle do uso de antibióticos não é inédita. Em 2005, o então Gabinete Alimentar e Veterinário (Food and Veterinary Office – FVO) alertou o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) sobre deficiências no monitoramento de resíduos e drogas veterinárias. Esse episódio, contudo, foi superado graças a uma força-tarefa conduzida pelo próprio ministério, em parceria com a Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca (SEAP) e com as indústrias de proteína animal, entre elas, a ABCC.

A Coordenação de Controle de Resíduos e Contaminantes do MAPA monitora, por meio do Plano Nacional de Controle de Resíduos e Contaminantes (PNCRC), os compostos químicos sujeitos à regulação nas prin-

cipais cadeias de produção animal do país, incluindo camarões e peixes cultivados. Segundo os resultados mais recentes, referentes ao ano de 2024, foram analisadas 283 amostras de camarões de cultivo para detecção de 120 compostos proibidos distribuídos em oito categorias (antimicrobianos, metais pesados, pesticidas, entre outras). Apenas uma amostra apresentou resultado não conforme em uma das categorias de antimicrobianos. No caso dos peixes cultivados, 715 amostras foram avaliadas para 108 compostos, e apenas uma apresentou inconformidade.

A presença de compostos proibidos não é comum na aquicultura nacional. O camarão exportado pelo Brasil sempre contou com uma boa reputação no mercado internacional graças ao padrão de qualidade, em especial quanto à inocuidade. Com o passar dos anos, o aperfeiçoamento nas Boas Práticas de Aquicultura, biossegurança, manejo da água e do solo e a incorporação da biotecnologia através do uso de probióticos e melhoramento genético contribuiu para desenvolver a carcinicultura brasileira e melhorar a qualidade do produto nacional.

BARREIRAS INTERNACIONAIS E NOTIFICAÇÕES DO RASFF. A primeira barreira internacional causada pela presença de antimicrobianos na aquicultura mundial remonta a 2021 quando a presença de camarões contaminados com os compostos antimicrobianos Cloranfenicol e Nitrofuranos foram identificados em camarões provenientes da China, Vietnã aos quais vieram a se juntar posteriormente a Tailândia e a Índia. Em 2003, os aler-

tas por antimicrobianos em pescado registrados no Sistema de Alerta Rápido para Alimentos e Rações (Rapid Alert System for Food and feed, RASFF) da Comunidade Europeia registrou que cerca de 15% dos alertas e informações corresponderam a antimicrobianos não autorizados em peixes e camarões cultivados.

Em 2025, os registros do RASFF indicaram que entre 4% a 6% e 22% a 38% das notificações corresponderam a riscos sérios e muitos sérios em produtos de peixes e camarões cultivados, respectivamente. É uma supresa perceber que a despeito de todos os problemas do passado, o desenvolvimento de práticas mais sustentáveis, o aumento do rigor dos monitoramentos e o posicionamento do mercado quanto aos produtos perigosos para a saúde, o mal uso de antimicrobianos cresceu (Figura 1).

A AMEAÇA DA RESISTÊNCIA ANTIMICROBIANA E AS DEMANDAS DOS ALIMENTOS LIVRES DE ANTIBIÓTICOS.

A Antimicrobial Resistance (AMR) in Aquaculture, ou Resistência Antimicrobiana na Aquicultura, constitui hoje um problema global de grande magnitude. Em 2019, a AMR esteve associada direta e indiretamente a 6,2 milhões de mortes, e as projeções indicam que esse número pode alcançar 10 milhões até 2050. Os países de baixa e média renda tendem a ser os mais afetados, em grande parte devido ao uso inadequado de antibióticos nos ambientes hospitalar, doméstico, agrícola e pecuário. Esse cenário tem levado cientistas a alertarem que a expansão da AMR pode desencadear a próxima grande pandemia.

A biotecnologia, a manipulação do microbioma intestinal e o desenvolvimento de tratamentos alternativos têm proporcionado avanços significativos na produção de alimentos. Diante dos riscos que os antimicrobianos representam para a saúde animal, ambiental e, consequentemente, humana, torna-se imperativo desenvolver novas estratégias de controle e prevenção de patógenos.

Há mais de duas décadas, o controle do uso de antibióticos figura entre os requisitos centrais dos programas de certificação da produção aquícola. Esses programas proíbem o uso

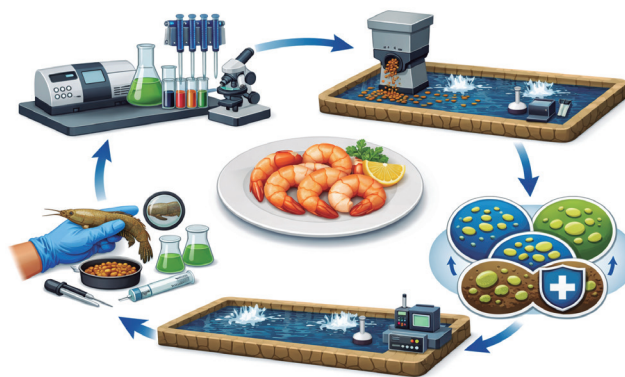
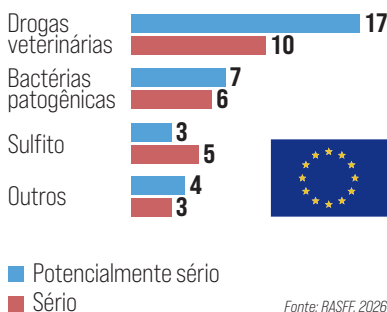


Figura 1. Esquema dos controles de qualidade aplicados ao camarão cultivado



Figura 2. Pescado livre de antibióticos comercializado na rede HEB. Esquerda: lombos de salmão. Meio: Filés de tilápia livres de antibióticos. Direita: Embalagem com mexilhões com menção à não utilização de drogas veterinárias.

NOTIFICAÇÕES DO RASFF PARA CAMARÕES IMPORTADOS DA COMUNIDADE EUROPEIA (EM 2025)



de substâncias não autorizadas e exigem o cumprimento rigoroso de protocolos, como a quarentena prévia, quando o uso de substâncias permitidas se faz necessário. Apesar desse esforço, ainda persiste a necessidade de demonstrar de forma mais clara ao mercado o compromisso com a produção livre de antimicrobianos. Nos últimos anos, alguns fabricantes passaram a declarar explicitamente o não uso dessas substâncias, inclusive em produtos como moluscos bivalves, que naturalmente não requerem tais tratamentos (Figura 2).

As doenças representam uma ameaça direta ao comércio interna-

cional de camarões, sobretudo porque a utilização de substâncias não autorizadas para combatê-las pode resultar em restrições severas nos mercados importadores. Além disso, a ausência de uma Estratégia Nacional de Sanidade para Organismos Aquáticos torna o país mais vulnerável à introdução e ao estabelecimento de enfermidades de alto impacto.

O tema “Uso de Medicamentos Veterinários e Prevenção da Resistência Antimicrobiana” constitui um dos pilares da Estratégia Nacional de Sanidade Aquícola, recomendada pela iniciativa Caminho para a Gestão Progressiva da Biossegurança (PMP/AB; FAO, 2024). A implementação desse componente, assim como dos demais elementos da estratégia, é urgente e indispensável para fortalecer a biossegurança, garantir a sustentabilidade da produção e assegurar a competitividade do setor aquícola brasileiro no mercado internacional. ■

Rodrigo Antônio Ponce de Leon Ferreira de Carvalho, Prof. Dr., chefe do Laboratório e Unidade de Processamento do Pescado e Nutrição. Professor e Coordenador do Curso Técnico em Aquicultura Escola Agrícola de Jundiá, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: rodrigo.ponce@ufrn.br



MARKETING É CRIAR, ADMINISTRAR E LIDERAR MERCADOS

Na entrada da Disneylândia, em Orlando, está escrito: “Where the dreams come true”: onde os sonhos viram realidade. Ninguém pediu um parque, nem os cartoons Disney. Aliás, Walt Disney acreditava que seria o coelho Oswald o herói e jamais o rato Mickey.

Quando Antônio Secundino de São José, em 1945, cria a Agrocere e lança a 1ª semente híbrida de milho no país, ninguém queria comprar. Foram 40 anos de muitos investimentos e, somente em 1985, com ajuda de Pelé mostrando a agricultores campeões de produtividade: “com a bola no pé sou Pelé, com Agrocere na plantação você é o campeão” que se consolidava a aceitação universal para as sementes híbridas versus as do “paiol”.

O mesmo exemplo assistimos com Fernando Penteado Cardoso: “com Manah adubando dá”, liderando o mercado dos fertilizantes. Os criativos humanos são os que veem antes, concebem desejos, necessidades, e soluções para angústias humanas, e organizam instituições para atender esses sonhos. Como a própria Embrapa concebida por Cirne Lima e implementada por Alysson Paolinelli. Isso vale para tudo, ninguém pediu celulares, notebooks, televisão, automóveis, satélites. Dessa forma, falando da importância de marketing, se não lidarmos os mercados que criamos por iniciativa desses pioneiros, podemos perder esse patrimônio para novos concorrentes que visualizam a evolução daqueles produtos e serviços originários e dão saltos criando novos mercados.

E imaginem para onde iremos no agro com a evolução genética? No Brasil criamos um gigantesco mercado mundial agro tropical e nos transformamos em um dos maiores concorrentes dos Estados Unidos. E agora como vamos ao futuro? Como liderar essa conquista

para não a perder? Precisaremos dar saltos evolutivos e de agregação de valor, conquistando corações e mentes dos mercados.

Nossa estrutura de logística, sistemas de insumos e tecnologias, agroindustrialização, presença de marcas nas gôndolas dos supermercados mundiais e conquista das mesas dos consumidores exige um espetacular “turn around”, capacitação e governança, onde inteligência de marketing deixe de ser um enigma a ser decifrado, além da obrigatoriedade de uma coesão dos setores público com o privado, se transformando em planos competitivos, com metas de vendas e resultados que impactem o PIB do país.

Essa criatividade é abundante. Leandro Pinto cria a maior organização de ovos do Brasil, a Mantiqueira. Ricardo Pinto, em Paranapanema (SP), se transforma no maior produtor e vendedor de lichia do Brasil e cria snacks simplesmente maravilhosos. Alexandre Costa constrói a maior rede de franquias de chocolates do mundo. A JBS vira a maior empresa de proteína animal do planeta. Erasmo Batistella começa com um posto de gasolina no Rio Grande do Sul e faz a Be8, com biodiesel exportando para exigentes mercados europeus. ABCS com marketing operacional dobra o consumo per capita da carne suína no Brasil.

Mas agora não basta dependermos desses heróis, precisamos de uma nação inteira criativa, liderando o mundo a partir do seu cinturão tropical global. E como nos alimenta o maior educador de marketing do Brasil, Marcos Cobra: “marketing não é ciência nem arte, é atender sonhos, desejos, necessidades humanas para todas as pessoas por meio de produtos, serviços, ideias que ninguém ainda havia imaginado e que trazem felicidade para seus consumidores”. ■



José Luiz Tejon

é doutor em Educação pela Universidad de La Empresa/Uruguai, mestre em Educação Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie, jornalista e publicitário, com especializações em Harvard, MIT e PACE/USA e Insead na França. Colunista da Rádio Eldorado e Estadão On-line, autor e coautor de 37 livros. Coordenador acadêmico de Master Science Food & Agribusiness Management pela Audencia em Nantes/França e FECAP/Brasil. Sócio Diretor da Biomarketing e da TCA International. Profissional Head Agro Anefac. Prêmio Personalidade Agro ABAG 2023. Ex-diretor do Grupo Estadão, da Agrocere e da Jacto S/A.



A ESCOLHA CERTA E EFICIENTE PARA O CONTROLE DOS DESAFIOS ENTÉRICOS ASSOCIADOS À PRESENÇA DE SALMONELLA E E. COLI.

Mais segurança e eficiência na produção avícola.



ahanimalnutrition.com



O desafio é invisível. O impacto na produção, não.

Com a evolução das estratégias nutricionais na produção animal e o avanço das restrições ao uso de antimicrobianos, soluções à base de ácidos orgânicos e fitogênicos ganham ainda mais relevância no suporte à saúde e à eficiência produtiva.



A ADM, empresa líder em aditivos, conta com ácidos orgânicos e fitogênicos que auxiliam o produtor a enfrentar esses desafios.



Aditivo inovador
que auxilia na redução
do uso de antibióticos.



Combinação de ácidos
orgânicos para suporte ao
equilíbrio microbiológico.



Solução fitogênica que
favorece o desempenho
e consistência produtiva.

Mais equilíbrio no sistema.
Mais consistência na produção.

